

2º Ciclo

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

“A produção própria dos jornais portugueses e a sua (in)dependência da Agência Lusa” -  
Estudo de caso dos jornais A bola, Correio da Manhã, Expresso, Jornal do Fundão e Público

Mónica Alexandra Ramos Monteiro

**M**

2016





**Mónica Alexandra Ramos Monteiro**

**“A produção própria dos jornais portugueses e a sua  
(in)dependência da Agência Lusa”**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação orientada pelo  
Professor Doutor Fernando Zamith

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

outubro de 2016

# **“A produção própria dos jornais portugueses e a sua (in)dependência da Agência Lusa”**

Mónica Alexandra Ramos Monteiro

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação orientada pelo  
Professor Doutor Fernando Zamith

## **Membros do Júri**

Professora Doutora Helena Lima  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Hélder Bastos  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor Fernando Zamith  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 16 valores



# Sumário

Agradecimentos	9
Resumo	10
Abstract	11
Índice de ilustrações	12
Índice de tabelas	13
Introdução	14
Capítulo 1. Breve contextualização da imprensa portuguesa	18
Capítulo 2. Conceitos	24
a) Relevância	24
b) Dependência	24
Capítulo 3. Agências noticiosas	25
3.1 Agência Lusa	27
3.2 As agências noticiosas como fontes de informação	29
Capítulo 4. O que são as fontes de informação?	32
4.1 A relação entre os jornalistas e as fontes de informação	32
4.2 Síntese da classificação das fontes por Schmitz	34
Capítulo 5. Análise e Discussão dos Resultados	40
Capítulo 6. Conclusões	66
Capítulo 7. Bibliografia	69
Capítulo 8. Anexos	72
8.1 Grelhas de análise	72
a) Análise dos jornais em papel	72
Anexo 1	72
Anexo 2	74
Anexo 3	75
Anexo 4	77
Anexo 5	79
Anexo 6	80
Anexo 7	81
Anexo 8	82

Anexo 9	83
Anexo 10	84
Anexo 11	85
Anexo 12	87
Anexo 13	89
Anexo 14	91
Anexo 15	92
Anexo 16	93
Anexo 17	95
Anexo 18	96
Anexo 19	97
Anexo 20	98
Anexo 21	99
Anexo 22	100
 <b>b) Análise dos jornais online</b>	 101
Anexo 23	101
Anexo 24	103
Anexo 25	104
Anexo 26	106
Anexo 27	108
Anexo 28	109
Anexo 29	110
Anexo 30	111
Anexo 31	112
Anexo 32	113
Anexo 33	114
Anexo 34	116
Anexo 35	118
Anexo 36	120
Anexo 37	122
Anexo 38	123

Anexo 39	124
Anexo 40	125
Anexo 41	126



## Agradecimentos

“O nosso maior adversário está dentro de nós”, Roberto Shinyashiki

Dedico esta dissertação ao Ivo, por nunca me deixar desistir e por ser meu companheiro nesta  
aventura;

Aos meus pais e à minha irmã pelo suporte;

Ao professor Fernando Zamith por apontar meticulosamente os meus erros e me permitir  
melhorar.

Obrigada.

## Resumo

Os despedimentos na Controlinveste em 2013, o fecho da edição em papel do Diário Económico e a redução/junção dos trabalhadores do diário *i* e do semanário Sol, são um retrato do constante emagrecimento das redações. Esta realidade acaba por fazer com que seja cada vez mais frequente vermos os órgãos de comunicação social com poucas pessoas, páginas para encher e *sites* para alimentar, difundirem informações geradas pelas agências noticiosas, por outros órgãos de informação ou com fontes que são nada mais, nada menos do que empresas que enviam comunicados para as redações.

Com o presente estudo pretendemos analisar o peso das agências de notícias no jornalismo atual e a que tipo de fontes e através de que meios recorrem os órgãos de comunicação social portugueses para a construção das suas notícias. Para o efeito, elaborámos uma análise qualitativa com fundamento teórico baseado em obras de autores, e uma análise quantitativa baseada na análise dos conteúdos impressos e *online* (*sites*) de três jornais diários e dois semanários portugueses: Correio da Manhã, Público, A Bola, Expresso e Jornal do Fundão.

**Palavras-chave:** OCS – órgãos de comunicação social; Lusa - Agência Lusa; Agências de notícias; Fontes de informação

## **Abstract**

Redundancies in Controlinveste in 2013, the closure of the paper edition of the *Diário Económico* and the reduction/ union of daily workers *i* and *Sol* weekly, are a picture of steady weight loss of newsrooms. This reality ends up making it increasingly often see the media with few people, pages to fill and sites to feed, disseminate information generated by news agencies, other news media or sources that are no more, no less than companies that send communications to newsrooms.

With this study we intend to analyze the weight of news agencies in the current journalism and what kind of sources and by what means turn the portuguese media for the construction of their news. To this end, we have prepared a qualitative analysis with theoretical foundation based on works of authors, and a quantitative analysis based on the analysis of the print content and online (sites) of three daily newspapers and two portuguese weeklies: *Correio da Manhã*, *Público*, *A Bola*, *Expresso* and *Jornal do Fundão*.

## **Índice de ilustrações**

Ilustração I Síntese da classificação das fontes	35
Ilustração II Exemplo de notícia da Lusa	62

## **Índice de tabelas**

Tabela I	45
----------	----

## Introdução

O jornalismo apresenta atualmente dificuldades que vão desde a transição do 'mundo tradicional' para a Internet, às dificuldades económicas. Existe ainda um outro fator que é a concorrência; O grande número que existe de órgãos de comunicação social que leva os profissionais a realizar as suas tarefas a alta velocidade, de forma a que sejam os primeiros a dar as informações, não deixando tempo para avaliar a qualidade do produto final.

Tal como é sugerido nos primeiro e segundo princípios da Carta de Princípios do Jornalismo na Era da Internet, desencadeado pelo Projecto Jornalismo e Sociedade (PJS), “a primeira obrigação do jornalismo é a busca da verdade e a sua publicitação” e “a essência do jornalismo assenta na verificação da informação e no confronto de fontes e de versões” (Jerónimo, 2013, 32/33). Acontece que, com o ritmo frenético a que as notícias têm de estar disponíveis para o público não existe tempo para a busca de fontes, nem para o desenvolvimento das informações e acabam por se difundir apenas as agendas de empresas e os *takes* da Lusa, que não demoram muito tempo a processar, têm custos reduzidos e a maioria da população nem nota que não houve trabalho jornalístico acrescentado.

*“Esperava-se que os jornalistas fizessem mais com menos tempo, menos recursos e menos colegas”* (Bastos, 2010, 17).

Nos tempos de hoje facilmente identificamos, por dia, um grande número de notícias assinadas com “Agência Lusa”, difundidas pelos diferentes órgãos de comunicação social (ocs).

Esta realidade deve-se maioritariamente aos dois fatores referidos anteriormente: a evolução dos meios de comunicação na internet e o empobrecimento, em termos financeiros e de recursos humanos, nas redações.

Os despedimentos na Controlinveste em 2013, o fecho da edição em papel do Diário Económico e a redução/junção dos trabalhadores do diário *i* e do semanário Sol, são um retrato desta realidade que acaba por fazer com que seja cada vez mais frequente vermos os órgãos de comunicação social com poucas pessoas, páginas para encher e sites para alimentar, difundirem informações geradas pelas agências noticiosas, por outros órgãos de

informação ou com fontes que são nada mais, nada menos do que empresas que enviam comunicados de imprensa para as redações.

Foi desta impressão empírica que surgiu a questão principal do presente estudo: “Será a produção própria dos jornais portugueses maior do que a sua dependência da Agência Lusa?”.

O problema da excessiva utilização das agências na imprensa portuguesa está no fato de os órgãos de comunicação não tornarem “suas” as informações que a agência difunde em primeiro lugar.

As notícias que são lançadas pela agência poderiam ser tratadas pelos ocs de forma a ficarem diferentes e mais ricas, com recurso a fontes próprias. O que acaba por acontecer com a propagação integral das notícias da Lusa é que os textos são os mesmos em todos os órgãos de comunicação social. Bianco (2005, p.161) resume esta ideia referindo que “todos [os ocs] bebem da mesma fonte na hora de compor seu noticiário, reproduzindo o mesmo discurso. Muito da tendência à homogeneização deve-se ao comportamento dos jornalistas”.

Apesar de as agências se afirmarem como eticamente confiáveis, credíveis e imparciais é importante que os ocs trabalhem em conteúdos seus, com fontes próprias, até porque, por exemplo, uma notícia de última-hora, gerada pela Lusa com uma fonte primária de cariz oficial fica, com certeza, mais rica se for mais tarde confrontada, já pelo ocs, com uma fonte secundária (ver síntese da classificação das fontes por Schmitz no ponto 5.2).

Neste contexto, de apurar o papel das agências nas redações, a sua influência e o tipo de fontes que utilizam, surgiram questões complementares orientadoras do presente estudo de caso e que devem resultar numa resposta à mesma:

- I. Qual a percentagem de conteúdos provenientes da agência Lusa?
- II. Qual a percentagem de conteúdos provenientes de agências internacionais?
- III. Qual a percentagem de conteúdos provenientes de outros órgãos de comunicação social?
- IV. A produção noticiosa própria é mais relevante em termos quantitativos?
- V. Qual a percentagem de conteúdos informativos com recurso a outros órgãos como fonte?
- VI. Qual a percentagem de conteúdos informativos sem recurso a fontes?
- VII. Quais são as editoriais com mais produção própria?
- VIII. Quais são as editoriais mais dependentes da Lusa?

À partida encontram-se algumas hipóteses que respondem à questão eminente apresentada neste estudo de caso;

- As notícias provenientes da Lusa têm um grande peso na informação que é difundida pelos ocs portugueses.
- As notícias que começam por ser difundidas pela Lusa, são posteriormente difundidas pelos ocs que se vão citando mutuamente, criando um ciclo de informação com fontes repetidas e não verificadas.
- As editorias internacionais não têm, praticamente, produção própria.

O método utilizado neste estudo de caso foi a observação direta das fontes e assinaturas utilizadas por três jornais diários portugueses (dois generalistas: Correio da Manhã e Público e um desportivo: A Bola; e por dois jornais semanários, um de âmbito nacional, o Expresso, e outro de âmbito regional, o Jornal do Fundão. A amostra foi escolhida de forma a ter representação de diferentes jornais portugueses.

Além dos jornais em papel das referidas publicações foram analisados, nos mesmos dias, os três destaques de cada uma das cinco publicações nas suas páginas *online*.

O período de análise foi de 30 dias, compreendidos entre 17 de janeiro e 15 de fevereiro.

O presente estudo de caso teve como base a análise quantitativa de conteúdo, através da construção de várias tabelas de análise para a recolha de dados, e qualitativa na interpretação e enquadramento dos resultados.

Uma vez que seria impossível analisar os ocs portugueses na sua totalidade no tempo de estudo proposto, a análise foi realizada durante 30 dias; os 15 últimos dias de janeiro (de 17 a 31) e os primeiros 15 dias de fevereiro (de 1 a 15) de 2016.

Foram analisadas, ao longo deste período, todas as páginas dos jornais diários e semanários acima referidos, excluindo todos os artigos de opinião e todos os suplementos.

Ficaram de parte também as contra-capas dos jornais e, no caso do Correio da Manhã, a editoria “Vidas” também não foi analisada por existir uma linha ténue entre a informação e a falta de valores-notícia presentes nesta editoria. Citando Meghanne Léa Pinto Barros (2015, 62) “se por um lado o cor-de-rosa apresenta fontes, informações consonantes e atuais, valores-notícia e uma política de alinhamento, por outro, as notícias da área são na sua maior constituição, produtos de entretenimento que envolvem informações de uma maneira mais leve, sobre temas que não têm grande interesse público. Depois de ter trabalhado na área,



tenho a plena consciência de que, como referido anteriormente, o social desenvolve práticas que não podem ser consideradas jornalísticas, o que não lhe dá um estatuto jornalístico, mas próximo disso, que por agora se apelida de infotainment”.

Os objetivos deste estudo são compreender se a falta de recursos que a profissão vive influencia a qualidade do trabalho jornalístico em termos de produção própria e responsabilização do que é divulgado; entender porque é que aparece tantas vezes a assinatura “Lusa” e quais as principais fontes das notícias próprias dos ocs e, ainda, perceber se existem diferenças entre as notícias que são publicadas na plataforma digital e nos jornais impressos.

## Capítulo 1. Breve contextualização da imprensa portuguesa

- Baseada no estudo “Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974” de Jorge Pedro Sousa

A gazeta que inaugurou o jornalismo periódico em Portugal foi inspirada na *La Gazette* francesa de 1631 e lançada em 1641. A “*Gazeta em Que se Relatam as Novas Todas, Que Ouve Nesta Corte, e Que Vieram de Várias partes*” foi publicada em Portugal regularmente até 1647.

A segunda publicação periódica estável em Portugal foi “*Mercúrio Português*”. O seu propósito principal era relatar as novidades da guerra entre Portugal e Castela (Guerra da Restauração), “os textos do *Mercúrio* têm, assim, marcado cunho político e propagandístico (engrandecer os feitos portugueses e diminuir o estatuto dos espanhóis)” (Sousa, 2008, 5).

A partir de meados do século XVII Portugal estava nas mãos do absolutismo régio e da Igreja Católica, pelo que a liberdade de expressão era pouca ou nenhuma e o jornalismo começou, assim, a ficar para trás.

Entre 1667 e 1715 não surgiram novos periódicos estáveis em Portugal, “contudo, a 10 de agosto de 1715 surgiu a *Gazeta de Lisboa*, publicada, até 1760, por José Freire Monterroio Mascaranhas” (Sousa, 2008, 6), as notícias abordadas nestas publicações demonstram a ambição noticiosa da imprensa, os problemas nos fluxos de informação, que retardam a divulgação noticiosa dos acontecimentos, a atenção dada às personalidades de elite, “valor notícia que ainda hoje se evidencia como critério de seleção de informação” (Sousa, 2008, 7) e ainda uma certa noção de que no início da notícia deveria vir algo importante/interessante que prendesse o leitor.

A partir de 1760/1762 a *Gazeta de Lisboa* começou a ter uma orientação administrativa e forneceu a primeira matriz em que se viria a fundar o diário oficial português, atual *Diário da República*. Durante o século XVIII surgiram vários livros noticiosos com extensas listas de notícias soltas, muitos deles não periódicos (*mercúrios*). Além dos *mercúrios*, nasceram outras publicações em Portugal, muitas designadas como *gazetas*. Também apareceram jornais científicos, médicos, históricos e enciclopédicos.

Em suma, segundo Tengarrinha (1989, 46 e 52), “a paisagem da imprensa periódica portuguesa (embora nem toda possa ser considerada jornalística, no sentido que hoje damos ao termo) era já bastante diversificada, no final do século XVIII e início do século XIX, para

incluir não apenas jornais noticiosos, verdadeiros antepassados do jornalismo noticioso generalista como hoje o concebemos, mas também periódicos enciclopédicos, jornais de divulgação de cultura e utilidades, de entretenimento, literários e eruditos, científicos, médicos, agrários, comerciais, históricos, musicais, humorísticos, etc.”, (Sousa. J, 2008, 10).

A expansão da aventura napoleónica por toda a Europa originou o aparecimento de uma imprensa anti-napoleónica, muitas vezes clandestina, e de outra pró-napoleónica. Nos países ocupados, as forças francesas chegaram a financiar o aparecimento de novos periódicos pró-napoleónicos, como aconteceu com o Diário do Porto. Cedo apareceu uma imprensa anti napoleónica, como o Diário Lisbonense, lançado a 1 de Maio de 1809.

É de notar, porém, e como descreve Tengarrinha (1989, 62; citado por Sousa. J, 2008, 15), que a maioria dos periódicos que apareceram em Portugal durante as invasões francesas era de natureza estritamente noticiosa, publicando notícias sobre a guerra peninsular traduzidas de periódicos espanhóis e ingleses. Por outras palavras, nunca se perdeu a intenção noticiosa no jornalismo português, por muita força que tivesse a imprensa política.

Segundo Tengarrinha (1989, 73 citado por Sousa. J, 2008, 17), o único periódico legal publicado em Portugal no período que se seguiu às invasões francesas foi o oficioso Gazeta de Lisboa, controlado pelo Governo, que praticava uma espécie de jornalismo político “de partido”. Porém, nessa mesma época surgiram também em Portugal folhas volantes e jornais políticos provenientes do estrangeiro, pois vários liberais portugueses exilados procuraram fazer chegar ao país publicações liberais redigidas e impressas em Inglaterra e França.

Em 1820, deu-se em Portugal a Revolução Liberal e Constitucionalista. As novas Cortes obrigaram D. João VI a regressar ao país, a 26 de abril de 1821.

O triunfo liberal criou condições para o aumento do número de jornais (publicados, essencialmente, no Porto, em Lisboa e em Coimbra) e permitiu o regresso de exilados, que importaram para Portugal as técnicas, táticas, tendências e estratégias do jornalismo europeu da época.

O triunfo das forças liberais não significou o fim da instabilidade política e militar em Portugal. Nesse contexto, surgiram no país vários jornais políticos “de partido”, alguns clandestinos, outros legais, que ajudaram a consolidar o papel da imprensa portuguesa como espaço público e arena pública, embora a leitura de jornais e a participação no processo decisório estivesse circunscrita, nessa época, à minoria alfabetizada e detentora do poder

económico. Ainda em 1834, aliás, foi promulgada uma nova Lei da Liberdade de Imprensa, relativamente permissiva, que suscitou um re florescimento da imprensa portuguesa.

Nessa época, o fator talvez mais interessante para o desenvolvimento futuro do jornalismo português não veio do jornalismo estritamente político e erudito, mas sim do jornalismo político-noticioso e “popular”, pois, em 1826, tinha aparecido o primeiro diário “popular” português de sucesso, o Periódico dos Pobres, vendido a dez réis, o que o colocava ao alcance de um maior número de bolsas (os jornais políticos das elites praticavam preços que algumas vezes atingiam 60 reis ou mais).

As notícias possuíam uma estrutura semelhante à que hoje encontramos, tinham uma estrutura intemporal do jornalismo e das histórias: a narrativa cronológica. De certa forma, pode dizer-se que a ideia de reportagem começava a insinuar-se na imprensa portuguesa e a cair no gosto do público, juízo, aliás, partilhado por Tengarrinha (1989, 218 *apud* Sousa, J. 2008, 23).

Por mão da iniciativa privada, Portugal, viu assim transfigurar-se o cenário jornalístico. Começaram, então, a reaparecer os jornais populares noticiosos, direcionados para toda a sociedade, com meios técnicos e financeiros que propiciavam grandes tiragens (à escala do Portugal de então), baixo preço por exemplar (custos sustentados pela publicidade), linguagem clara e acessível, que não discutiam nem polemizavam, que não seguiam qualquer linha política, antes procuravam relatar factos importantes ou simplesmente interessantes, com a verdade e a objetividade possíveis.

Com esses jornais, de que o *Diário de Notícias* é o primeiro expoente, inaugura-se, em Portugal, a fase do jornalismo industrial (a imprensa é vista como um negócio, como uma indústria semelhante às demais), que dará a matriz para os tempos vindouros.

Com a chegada da imprensa industrial, o trabalho nas redações alterou-se. As redações “artesaniais” de dois ou três elementos, que escreviam, maioritariamente, artigos políticos, deram lugar a redações com várias dezenas de profissionais, nas quais o repórter adquiriu importância crescente em contraponto ao “escritor de jornal”, isto é, ao articulista que escrevia os artigos políticos. Se noticiar era a principal incumbência dos jornais industriais, então as técnicas de redação rapidamente foram contaminadas pela busca da fatualidade, pela separação entre informação e opinião, pelo predomínio do objeto sobre os sujeitos que o enunciam (objetividade).

O primeiro número do *Diário de Notícias* surgiu a 29 de dezembro de 1864 (número de apresentação). Era um jornal diferente dos restantes jornais portugueses de então, nos conteúdos (noticiosos), no estilo (claro, conciso, preciso e simples), na forma, nomeadamente no aspeto (paginação a quatro colunas), na dimensão (que já era de jornal, sensivelmente semelhante aos atuais tablóides), e ainda no preço.

Após a aparição do *Diário de Notícias*, a intenção comercial (o jornalismo voltado para o negócio e não para a política) e a ambição informativa da imprensa alastraram-se. O público estava ávido de notícias relevantes e interessantes. O vigor da imprensa noticiosa portuguesa continua pelo resto do século XIX, sendo visível, por exemplo, no paradigmático *Diário de Notícias*, cuja linha editorial se mantinha predominantemente noticiosa e o estilo simples, como indica a própria denominação do jornal. Veja-se, por exemplo, a seguinte notícia, de 22 de outubro de 1881: “Foram confirmadas as nomeações dos srs. José Correia Nunes e Vicente Lino Patrício Álvares para membros do Conselho Superior de Instrução Pública da Província de São Tomé e Príncipe.”

Se ignorarmos as questões de estilo, como o emprego de “srs.” (designação reveladora de boa educação e polidez, caída em desuso no jornalismo português, mas não noutros países) e o recurso à voz passiva, verificamos que a notícia atrás, extremamente seca, corresponde, inteiramente, ao conceito atual de notícia e, cumulativamente, ao conceito de *lead*.

Outros jornais nascidos no final do século XIX adotaram a mesma filosofia do *Diário de Notícias*, com destaque para *O Século*, fundado, em 1881, por um grupo de republicanos. O seu primeiro diretor foi Magalhães Lima, substituído, em 1896, por Silva Graça.

A rápida expansão do jornalismo noticioso objectivo, neutral e independente trouxe várias consequências:

1. A rápida expansão do número de jornalistas profissionais, de perfil técnico, apesar do mais elevado estatuto que continuavam a ter os jornalistas “eruditos”;
2. A divisão de trabalho nas redações e a fixação de uma hierarquia profissional (diretor; editor – co-responsável pelo conteúdo à luz da Lei de Liberdade de Imprensa; secretário de redação; redatores; repórteres; informadores);
3. A fixação do vocabulário específico e das competências e conhecimentos técnicos associados à profissão, o que origina frequentes apelos à formação específica - e até superior - dos jornalistas;

4. A diferenciação entre o “estilo literário, erudito ou persuasivo” e o “estilo jornalístico”;
5. A fundação de organizações de classe, como as associações de jornalistas de Lisboa e Porto, que seriam o embrião do sindicalismo jornalístico;
6. A mobilidade dos jornalistas entre os órgãos de comunicação social, para ascenderem profissionalmente, por motivos salariais ou ainda porque, num país pobre e analfabeto como era Portugal, era comum os projetos jornalísticos ruírem com facilidade.

(Sousa, 2008, 43)

No entanto, o aumento do número de jornalistas e a diminuição proporcional do número dos restantes colaboradores dos periódicos fez decair o prestígio da profissão de jornalista, crescentemente encarada como uma profissão técnica, apesar da mais-valia que para o jornalismo representou, ao longo de todo o século XIX, a colaboração de vários nomes ilustres das Letras e das Humanidades portuguesas com os jornais, como comentadores políticos, cronistas, ou mesmo autores de folhetins.

Entre os vultos da cultura portuguesa oitocentista que colaboraram com jornais contabilizam-se, por exemplo, Oliveira Martins, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Alexandre Herculano e Almeida Garrett.

Portugal, com mais ou menos vicissitudes acompanhou o desenvolvimento do jornalismo, primeiro com base no modelo francês e depois com base no modelo britânico (assente no princípio da liberdade de imprensa) embora, ao nível funcional o desenvolvimento tenha sido retardado pela ditadura que silenciou o país entre 1926 e 1974.

De toda a história da imprensa, a fase atual do jornalismo, talvez seja a época que tem trazido mais mudanças. Grande parte destas mudanças estão relacionadas, como não podia deixar de ser, com o acesso à internet. De praticamente qualquer ponto do mundo, a qualquer hora, milhões de pessoas têm acesso a uma gigantesca quantidade de portais, *sites* e *blogs* com informação, fotografias e vídeos de acontecimentos que podem ter acabado de acontecer. Como ouvimos tantas vezes dizer, “o mundo tornou-se uma aldeia global”.

“Para o jornalismo, a internet representa um desafio. As novas redes de comunicação modificam em profundidade a pesquisa, a produção e a difusão da informação”. (Agostini citado por Bastos, 2000, 13).

As mudanças que advieram do aparecimento da internet trouxeram novos desafios ao mundo do jornalismo e da imprensa. Há quem profetize o fim dos jornais em papel. A verdade é que a televisão não matou os jornais. A história tem provado que, depois de uma fase de “ajuste”, os media têm tendência a voltar a estabilizar. No entanto, também não se pode ignorar que a internet veio, de facto, para ficar e revolucionar o modo como acedemos e difundimos a informação. A maioria dos jornais sabe acompanhar esta mudança, mantendo, a par das suas edições em papel, portais de informação dinâmicos, onde para além das notícias do dia é possível consultar uma grande quantidade de informação extra como *dossiers* especiais, vídeos, reportagens especiais.

A tendência tem sido a de procurar explorar sinergias entre os dois suportes (papel e digital), procurando fazer da internet uma extensão natural do jornal em papel, onde os leitores encontram maior interatividade e suportes que até há pouco tempo eram exclusivos das televisões e da rádio.

Outro dos problemas é que com menos recursos, as empresas têm vindo a exigir aos jornalistas que sejam polivalentes. A preocupação encontra-se na qualidade dos conteúdos informativos que daí advém, dado que “são jornais em que se mede mais o número de notícias feitas e a quantidade do produto informativo gerado, do que a sua qualidade jornalística”.

“O jornalismo de qualidade só é possível no papel”. (Salaverría & Negredo, 2008, 77). A ideia que prevalece com estes constrangimentos é a de que hoje em dia o jornalismo está descuidado e tem perdido gradualmente qualidade e os valores clássicos da informação. Verifica-se uma reprodução dos conteúdos entre as agências e uma falta de contato com as fontes, que até deveriam estar mais acessíveis com tantas ferramentas que existem atualmente, como nunca antes se viu.

## Capítulo 2. Conceitos

O segundo capítulo da presente dissertação corresponde à explanação dos conceitos abordados na pergunta de partida.

### a) Relevância

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, da Porto Editora, relevância significa: relevo, importância.

Complementado pelo conceito de relevar, *verbo*, que significa fazer sobressair e ainda o conceito de relevante, *adjetivo*, que significa saliente, evidente, que releva.

O filósofo Mario Bunge (citado por Junior, W, s/d, 22) defende que a relevância acontece se o objeto observado fizer alguma diferença para o observador. Isto é, o objeto A é relevante para o objeto B, se e só se A fizer alguma diferença para B, ou B depender de A.

Já Saracevic (1996) (citado por Junior, W, 23) define relevância como "uma noção muito básica cognitiva humana frequente, se não mesmo constante, usada pelas nossas mentes quando interagem dentro ou fora nos casos quando há um assunto em questão". Essa interação depende da atenção dispensada pelo observador. A relevância da informação observada está ligada à atenção.

### b) Dependência

O Dicionário de Moraes (1877) (citado por Ribeiro, J. 1995, 5) define dependência como a necessidade que uma coisa tem de outra para ser ou existir, enquanto que o Dicionário de Oxford, finais do século XIX, define de forma mais explícita, dependência ou habituação como uma forte inclinação para adotar um certo tipo de comportamento, sem que isso implique sentido pejorativo.



### Capítulo 3. Agências noticiosas

*“Desta forma, qualquer meio de comunicação, por grande ou pequeno que seja, pode dispor praticamente instantaneamente da informação que se gera em qualquer parte do mundo, unicamente com a contratação dos serviços de agência.”*

(Turmo e Lassa, 2008, 82)

As agências de notícias são fundamentais para o mundo do jornalismo. Representam, no contexto atual, um pilar para todos os meios de comunicação social e tornam-se imprescindíveis no seio das redações (Praça, A., 2013). Para Wolf (1999), “a agência de notícias é a fonte mais notável de materiais noticiáveis” (Wolf, M., 1999). Segundo Golding & Elliott, as “agências funcionam como uma primeira campanha de alarme para as redações.”

As agências de notícias funcionam, muitas vezes, como intermediárias entre os acontecimentos e os meios de comunicação social. Possuem vários correspondentes em território nacional e internacional (o que representa um custo que nem todos os órgãos de comunicação conseguem suportar), conseguindo desta forma fazer uma melhor recolha das informações, transmitindo-as posteriormente aos órgãos de comunicação social assinantes.

Golding e Elliott concluíram, na sua pesquisa comparativa sobre as instituições televisivas suecas, irlandesas e nigerianas, que, de facto, o fator económico influencia a forma como as agências de notícias são usadas. “O custo dos correspondentes no estrangeiro é infinitamente mais elevado do que a assinatura numa agência”.

Segundo Nascimento (2008), as “agências são uma espécie de central jornalística que transmite informações para um núcleo local que se encarrega de redistribuir essas informações para o conjunto dos seus clientes: jornais, revistas, rádios, televisões, *websites*, instituições financeiras, etc” (Nascimento, L., 2008). É neste contexto, de que as agências de notícias são uma fonte especial dos meios de comunicação e que estes são extremamente importantes no panorama atual, que se torna pertinente abordar o tema das agências noticiosas.

Estas são, efetivamente, uma fonte especial, na medida em que, não são uma fonte vulgar que apenas dá as informações em bruto, mas sim sob a forma de notícia e porque são as maiores fornecedoras de notícias que os meios de comunicação social posteriormente distribuem.

*“Se os média são a pele, as agências são as veias. Assim como o tecido epidérmico não é capaz de se manter vivo sem a irrigação proporcionada pelos vasos sanguíneos que conduzem até ele os nutrientes e agentes imunológicos para garantir a sua permanente renovação e proteção, também os média não são capazes de se manter ativos e ricos em conteúdo sem as cargas permanentes de informação que lhes são fornecidas pelas agências de notícias.”* (Boyd-Barret & Rantanen apud Aguiar, 2009).

### 3.1 Agência Lusa

*“A Lusa é a herdeira direta da evolução histórica das agências noticiosas em Portugal”*

(Sousa, J.P., 1997).

A Agência Lusa nasceu a 28 de novembro de 1986 com a ideologia e a cultura jornalística que foram sendo desenvolvidas pelas agências noticiosas anteriores ao seu surgimento, ou seja, a Agência Lusitana, a Agência de Notícias e Informação (ANI), a Agência Noticiosa Portuguesa (Anop) e a Notícias de Portugal (NP).

Atualmente a Lusa é a única agência de notícias em Portugal e, para Silva (2002) (citado por Praça, A. 2013, 22/23), a sua missão passa pela “prestação de serviços de informação através da recolha de material noticioso e de interesse informativo, seu tratamento para difusão e divulgação mediante remuneração livremente convencionada. Para a realização de um serviço público de interesse nacional, a agência deverá “assegurar a cobertura nacional e regional do país, em particular das regiões autónomas, bem como os acontecimentos relacionados com a Comunidade Económica Europeia, com os países de língua oficial portuguesa e outros espaços de relevante interesse para Portugal, nomeadamente os de forte concentração de comunidades portuguesas”.

A Agência Lusa iniciou oficialmente as suas funções no dia um de janeiro de 1987 como uma cooperativa de interesse público. Sem qualquer concorrência em Portugal, a Agência Lusa difunde informação noticiosa a todos os jornais, rádios e televisões de âmbito nacional.

Informa, igualmente, vários órgãos de comunicação social locais e regionais, bem como alguns meios de comunicação social estrangeiros.

Da mesma forma que qualquer outro órgão de comunicação social, a Agência Lusa, além de se reger pelo código deontológico do jornalista, rege-se ainda por um código de ética, instrumento essencial no desenvolvimento da empresa e que constitui “uma importante base para fortalecer a cultura da empresa e representa uma referência fundamental no âmbito do respetivo desempenho na prática profissional dos seus colaboradores”.

A Lusa produz diariamente cerca de 500 notícias em formato de texto, mais de 1000 fotografias, 50 registos de áudio e 40 produções de vídeos (dados fornecidos pelo site da agência com links disponíveis na Bibliografia), que posteriormente serão utilizados pelos

restantes meios de comunicação através da compra de pacotes, com acesso a todo ou parte deste leque de material noticioso.

A Lusa mantém correspondentes em todos os distritos de Portugal, bem como nas regiões autónomas da Madeira e dos Açores, em todos os países de língua portuguesa e ainda em países onde reside um número elevado de cidadãos portugueses e em países com os quais mantemos uma relação histórica, cultural, diplomática ou comercial intensa.

### 3.2 As agências noticiosas como fontes de informação

As agências de notícias têm ganho uma enorme credibilidade no seio das redações dos meios de comunicação social com o percurso efetuado desde o seu aparecimento, há cerca de 150 anos atrás. “Com base numa tradição mais antiga e mais branda de invisibilidade, as agências de notícias, sem dúvida, gozam de uma reputação de neutralidade em relação a seus clientes, contribuindo positivamente para que o usuário as perceba como fontes” (Boyd-Barrett, 2012). Uma vez que o trabalho de agência é também jornalístico, a tendência para usá-las como fonte informativa é frequente, e como expõe Martins (2013, 4), maior quando comparada com outras fontes. O que faz com que “a informação quotidiana encontrada nos jornais seja cada vez mais de agência, um produto das agências.” Wolf (1995)

Mas, afinal, as agências são uma fonte ou uma ferramenta de trabalho para os órgãos de comunicação social?

“As agências de notícias são organismos que se encarregam de fornecer conteúdos aos meios de comunicação (notícias, reportagens, crônicas, artigos de opinião, fotografias, áudio, vídeo...). Os seus produtos não estão destinados ao público em geral mas sim aos meios de comunicação e instituições públicas e privadas que desejam estar informadas dos acontecimentos no momento em que estes acontecem.” (Turmo e Lassa, 2008, 82).

Assim sendo, as agências de notícias deveriam ser diferenciadas das fontes comuns de informação. Uma vez que as últimas “são expressão de algo e não se dedicam exclusivamente à produção de informação”, as agências de notícias “apresentam-se como empresas especializadas, inerentes ao sistema da informação, executando um trabalho de confeção” (Wolf, 2006, 98)

A utilização das notícias de agências na íntegra é tida, para Nascimento (2008, 65) como um aspeto negativo. “Todos os meios de comunicação divulgam mais ou menos as mesmas notícias durante todo o dia”. Bianco (2005, 161) ratifica esta ideia referindo que “todos bebem da mesma fonte na hora de compor seu noticiário, reproduzindo o mesmo discurso.”

Para Maurice Mouillaud (1997), esta situação acontece mais no *online*. O autor refere que o ciberjornalista acaba por não manter uma relação com as fontes. Indo ao encontro de um estudo realizado por Adghirni (citado por Mota, 2002, 157), o profissional da Web “resume-

se à transposição para o *site* sem se deslocar pessoalmente ou se comunicar diretamente por telefone com a fonte ou as fontes de informação”.

O fato de as agências de notícias terem, por norma, diversos correspondentes espalhados pelo globo e, por consequência, estarem mais próximas da atualidade internacional, é uma das razões pelas quais os órgãos de comunicação social recorrem às suas notícias.

Mais uma vez regressamos aos problemas financeiros pelos quais os jornais estão a passar, que levam à redução de recursos humanos. “O custo dos correspondentes no estrangeiro é infinitamente mais elevado do que a assinatura numa agência; para os órgãos de informação menos poderosos, as despesas com os correspondentes estrangeiros ultrapassam as possibilidades económicas (...) e os serviços regionais das agências (...) são a única fonte possível de notícias vindas do estrangeiro” (Golding & Elliott citados por Wolf, 1999). A questão é: são as notícias internacionais as que mais contêm assinaturas da Lusa? Tentaremos responder mais à frente.

As agências noticiosas tornaram-se difusoras de informação no seio dos meios de comunicação social. “Como fonte, as agências são de importância fulcral para a vida de uma redação - quer pelas informações que aí fazem chegar, e que são publicadas *tout court* (sem acrescentar mais nada), quer pelas pistas e auxílio que prestam na confeção de uma Agenda rica e equilibrada” (Gradim, 2000).

Duas características definidoras das agências noticiosas e do seu trabalho são, segundo Fernando Zamith (2006, 5) “a sua condição de fornecedor “grossista” para clientes “retalhistas” da mesma actividade profissional (simultaneamente grande canal de distribuição e fonte intermédia de informação) e a sua preocupação com a produção e difusão de um noticiário equilibrado, imparcial e, consequentemente, credível”.

E apesar de os profissionais e investigadores da área do jornalismo saberem que as agendas diárias dos órgãos de comunicação social se prendem muito ao que é difundido pelas agências, a grande maioria do público consumidor de notícias não tem a mesma noção. Parte da responsabilidade para que assim seja é dos próprios órgãos de comunicação que, pontualmente, não identificam devidamente a origem das informações que difundem, sendo elas, muitas vezes, provenientes das agências. Para Moreira (2011, 15), “o papel das agências noticiosas permanece invisível para o comum consumidor.”

Na mesma linha de pensamento, Grijelmo, presidente da agência de notícias espanhola EFE, afirma que “o papel crucial das agências de notícias no mundo da informação está oculto para o público. Sabe-o bem qualquer jornalista, desde logo; contudo, poucos leitores, ouvintes e telespectadores sabem que uma altíssima percentagem do que lhes chega através dos meios informativos tem origem num teleimpressor” (Grijelmo citado por Moreira, 2011, 3 e 4).

Tratando-se a presente análise quantitativa, em parte, de uma análise de notícias na plataforma online de cinco órgãos de comunicação social, importa também analisar as agências de notícias como fontes de informação no contexto do ciberjornalismo. Pensar em ciberjornalismo é pensar em multimedialidade, interatividade e sobretudo, hoje em dia, imediatez. Contudo, o mais importante é que não se perca a objetividade e a credibilidade do que é veiculado. Na internet o jornalista perdeu um pouco a noção perfeccionista que é necessária na construção da realidade. A quantidade passou a ser mais importante que a qualidade devido ao fator “instantaneidade” que a Internet proporciona e à pressão que a concorrência impõe (todos querem ser os primeiros a dar a notícia). “Acima da sua qualidade, a velocidade vale mais do que a veracidade; a maior parte do conteúdo dos sites noticiosos é a cópia de material de outros veículos, nomeadamente agências, em detrimento da elaboração e apuração jornalísticas” (Aguiar, 2008, 47).

Borges (2008, 55) acrescenta que “na busca pela instantaneidade, a qualidade pode não ser a prioridade e as notícias passam a ser divulgadas, cada vez mais, com maior nível de superficialidade” (Borges, 2008). De acordo com esta lógica, torna-se comum os meios de comunicação social recorrerem às agências noticiosas como fontes para divulgarem informações sem, na maior parte das vezes, qualquer tipo de tratamento por parte do jornalista que a publica no seu órgão de comunicação social.

A sensação que fica, relativamente à presença da Lusa nos jornais é a de que não existe produção própria, pesquisa própria porque as declarações não foram ouvidas nem assistidas pelo jornalista que difunde a notícia de agência. “A dependência que os órgãos apresentam relativamente à Lusa não lhes permite aprofundar assuntos, dar voz a outras vozes, confrontar ideias e origina uma homogeneização de notícias entre todos os órgãos de comunicação social” (Sousa, M, 2015, 72)

## **Capítulo 4. O que são as fontes de informação?**

### **4.1 A relação entre os jornalistas e as fontes de informação**

O conceito de fonte de informação está fortemente interligado com a sede de aparecer, muito presente nas sociedades contemporâneas. A comunicação social tornou-se um alvo a partir do momento em que as pessoas/organizações se aperceberam do seu poder mediático e da sua relevância social, a motivação das instituições é a de conseguirem divulgação e uma boa imagem através dos media e é isso que os leva a participarem ativamente ou proativamente na construção das notícias.

As notícias são o produto final de um conjunto de ações programadas pelas organizações e pelas pessoas e ainda de notícias que resultam de ações não programadas: um tremor de terra, por exemplo. Apesar de os jornalistas serem autónomos na sua vigilância do poder existem condicionantes que podem manipular a sua atuação - as fontes são a condicionante mais evidente porque criam canais de rotina. “A ligação entre o jornalista e a fonte constitui um relacionamento entre os atores que perseguem objetivos diferentes mas que se encontram num ponto comum: a notícia. Os discursos que as fontes tentam tornar visíveis, através dos produtores das notícias, são enquadrados conforme os critérios de noticiabilidade e valores notícia” (Lamy, s/d, 4).

Existem condicionantes relacionadas com a relação entre as fontes e os jornalistas, uma delas é a pressão que fontes do campo político, económico e desportivo fazem em torno do jornalista quando querem que seja noticiada determinada informação que não tem novidade ou originalidade implícita. Outra condicionante tem que ver com a confidencialidade que determinadas fontes exigem, isto pode obrigar a que o jornalista corra riscos na sua profissão. Outra condicionante, relacionada com a anterior, prende-se com o fato de as fontes anónimas gerarem, por vezes, especulação, imprecisão nos detalhes e testemunhos pouco ou nada rigorosos, que colocam em causa a credibilidade da fonte, do jornalista e do órgão.

“As fontes são pessoas, são grupos, são instituições sociais ou são vestígios – falas, documentos, dados – por aqueles preparados, construídos, deixados. As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados.



Em suma, as fontes a que os jornalistas recorrem ou que procuram os jornalistas são entidades interessadas, quer dizer, estão implicadas e desenvolvem a sua actividade a partir de estratégias e com táticas bem determinadas. E, se há notícias, isso deve-se, em grande medida, ao facto de haver quem esteja interessado que certos factos sejam tornados públicos (Gomis, 1991, 59)” (Pinto, 2000, 278 e 279).

## 4.2 Síntese da classificação das fontes por Schmitz

As notícias acontecem a cada segundo, ou porque alguém nasce, ou porque alguém morre, ou porque alguém ganha um prêmio, ou porque alguém foi preso, e o papel dos jornalistas é dar essas informações ao público. O problema está no fato de os jornalistas, mesmo de meios pequenos não estarem sempre presentes para assistir a todos esses acontecimentos e é aqui que entram as fontes, são elas que fornecem as informações de que os jornalistas precisam para contarem as histórias.

Como refere o sociólogo norte-americano, Michael Schudson: para se compreender o que são as notícias é necessário entender, em primeiro lugar, quem são aqueles que atuam como fontes de informação (2003). Mesmo que os jornalistas tentem trabalhar com base nas suas próprias observações é muito difícil explicar o Mundo à sociedade sem recorrer às fontes. Como sugere Schudson, alguém tem de contar aos jornalistas o que se passou, ou reformulando, alguém tem de contar a sua visão da realidade.

“Notícia não é o que aconteceu, mas sim o que alguém diz que aconteceu ou vai acontecer” (Sigal in Schudson, 2003, 134). O termo “fonte” foi definido por Ferreira (1986, 797) como “aquilo que se origina ou produz; origem, causa; procedência, proveniência” ou “qualquer pessoa, documento, organismo ou instituição que transmite informações”. As fontes são, portanto, a origem de toda a informação.

<b>Categoria</b>	<b>Grupo</b>	<b>Ação</b>	<b>Crédito</b>	<b>Qualificação</b>
Primária e secundária (Pinto, 2000; Lage, 2001).	Oficial (Gierber e Jonhson, 1961).	Ativa e passiva (Gans, 1980).	Explicita ou confidencial (Pinto, 2000).	Confiável e duvidosa (Gans, 1980).
	Oficial e não governamental (Sigal, 1973).	Ativa, passiva, proativa e reativa (McNair, 1998).		Confiável (Lage, 2001).
	Oficial e oficiosa, institucional e pessoal (Gans, 1980).	Ativa ou passiva, proativa ou reativa (Pinto, 2000).		Fidedigna e duvidosa (Charaudeau, 2009).
	Pessoal ou documental, pública ou privada (Pinto, 2000).	Informal e aliada (Chaparro, 2009)		
	Oficial, oficiosa e independente; testemunha e <i>expert</i> (Lage, 2001).			
	Organizada, aferição, referência e bibliográfica (Chaparro, 2009).			

*Ilustração 1 Síntese da classificação das fontes; Fonte: Aldo Antonio Schmitz s/d*

A importância das fontes no meio jornalístico tem levado a várias investigações que permitem a existência de uma “classificação das fontes”. Aldo Antonio Schmitz fez um levantamento muito completo dos vários autores que se dedicam à classificação das fontes.

As fontes podem então ser divididas em “fontes por categoria (primária e secundária), representatividade/grupo (oficial, empresarial, institucional, testemunhal, especializada e de referência); ação (proativa, ativa, passiva e reativa), crédito (identificada e sigilosa) e pela qualificação (confiável, fidedigna e duvidosa)” (Schmitz, s/d, 2).

#### 4.2.2 Categoria

Quanto à “categoria das fontes”, Schmitz cita Lage (2001, 65 e 66), para explicar o que é uma **fonte primária**. “A fonte primária é aquela que fornece diretamente “o essencial de uma matéria... fatos, versões e números”, por estar próxima ou na origem da informação. Geralmente revela dados “em primeira mão”, que podem ser confrontados com depoimentos de fontes secundárias. Segundo Pinto (2000, 279) essa fonte está diretamente envolvida nos fatos, normalmente como testemunha ocular” (Schmitz, s/d, p. 8).

A **fonte secundária** “é o tipo de fonte que contextualiza, interpreta, analisa, comenta ou complementa a matéria jornalística, produzida a partir de uma fonte primária” (Lage in Schmitz, 8).

#### 4.2.3 Grupo

Quanto ao “grupo das fontes”, as **fontes oficiais** referem-se aos poderes constituídos (executivo, legislativo e judicial). “São as preferidas dos media, pois emitem informações aos cidadãos e tratam essencialmente do interesse público, embora possam falsear a realidade” (Schmitz, s/d, 9).

As **fontes empresariais** referem-se a empresas. As suas ações têm, muitas vezes interesse comercial e neste sentido estabelecem uma relação com os média visando a proteção a sua imagem, enquanto organização empresarial da indústria e do comércio.

“São acusadas do poder que exercem como anunciantes, confundindo-se as suas notícias como propaganda” (Schmitz, s/d, 10).

As **fontes institucionais** representam associações sem fins lucrativos ou grupos sociais. Lage (2001, 64 e 65 in Schmitz, s/d, 10) alerta para o fato de este tipo de fontes ter “uma fê cega naquilo que defende”, “o que coloca sob suspeita as informações que fornece, embora seja considerada espontânea e desvinculada de qualquer interesse próprio.

Normalmente, a fonte institucional busca os média para sensibilizar e mobilizar o seu grupo social ou a sociedade como um todo” (Schmitz, s/d, 10).

Já as **fontes individuais** referem-se aos indivíduos que se representam a si mesmos, aqueles que não falam em prol de uma organização ou grupo social. Segundo Charaudeau (2009, 194

e 195 in Schmitz, s/d, 10 e 11) este tipo de fonte representa a vítima ou a testemunha. É o cidadão que está a tentar reivindicar alguma coisa.

Como **fonte testemunhal** pode entender-se testemunha. É alguém que estava no local, observou determinada ação e relata toda a verdade sem qualquer tipo de manipulação. “Geralmente não se suspeita que esse tipo de fonte use uma “estratégia de ocultamento, pois é considerada completamente ingênua”, concebe Charaudeau (2009, 53). Quanto mais imediato ao fato, maior a credibilidade, pois “apoia-se na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa” (Lage, 2001, 67)” (Schmitz, s/d, 11).

A **fonte especializada** é um indivíduo ou uma organização com um saber específico de determinado assunto a quem o jornalista recorre, por reconhecer que não sabe e que há quem possa explicar melhor determinado tema, do que ele próprio, é utilizada, segundo Schmitz “em situação de risco ou conflito, na cobertura de temas complexos ou confusos e no jornalismo científico. Esse tipo de fonte pode fornecer informação fatural (fonte primária) ou interpretativa (secundária), conforme o seu grau de especialização”.

Uma **fonte de referência** é a bibliografia utilizada pelo jornalista para enriquecer o conteúdo da notícia. “A bibliografia envolve livros, artigos, teses e outras produções científicas, tecnológicas e culturais. Os documentos, especialmente os dossiês, devem ser “de origem confiável e claramente identificada” (Chaparro, 2009), pois se constitui em prova em caso de denúncia” (Schmitz, s/d, 12).

No que toca à “ação” das fontes, esta está intimamente ligada com a conveniência em colaborar com o jornalista. No grau de ação Schmitz divide as fontes em quatro classificações que passamos a explicar.

#### 4.2.4 Ação

Quanto à “ação”, as fontes podem ser, em primeiro lugar, **proativas**, isto é, produzem e oferecem notícias prontas, preparadas previamente. “Utilizam uma estratégia de visibilidade e agendamento de suas ideias, produtos ou serviços, para neutralizar concorrentes ou adversários, criando a si uma imagem positiva (McNair, 1998)” (Schmitz, s/d, 13).

Em segundo lugar, as fontes podem ser **ativas**. “Para Gans (1980) os jornalistas tendem à passividade, enquanto as fontes interessadas agem ativamente, criando canais de rotinas

(entrevistas exclusivas ou coletivas, comunicados de imprensa frequentes, etc.) e material de apoio à produção de notícias, para facilitar e agilizar o trabalho dos jornalistas” (Schmitz, s/d, 13).

Existem ainda as fontes **passivas** como é o caso das referências bibliográficas e documentos que estão disponíveis para consulta dos jornalistas e que não alteram a sua natureza. Por último, na classificação “ação” existem as fontes **reativas**, que são fontes que não confiam nos media, que não querem declarar nada acerca de nada e que agem discretamente. Geralmente este tipo de fontes pode alterar a sua natureza, “a sua posição inerte pode-se alterar, agindo de outras formas, por exemplo, ter sido passiva no passado e tornar-se proativa no futuro, embora sua estratégia seja essencialmente preventiva e defensiva (McNair, 1998)” (Schmitz, s/d, 15).

#### 4.2.5 Crédito

Quanto ao “crédito” dado às fontes, as hipóteses também são variadas, apesar de, como revela o sexto ponto do Código Deontológico da profissão, o jornalista ter como dever “usar como critério fundamental a identificação das fontes”, nem sempre a fonte está disposta a ser identificada. Para tal existe o sigilo.

A **fonte identificada** é aquela que permite a divulgação do nome, profissão ou status, a fim de orientar o público e de credibilizar o jornalista e a notícia em si.

Existe também a **fonte sigilosa** que geralmente cede informações de interesse público e que necessita de falar em *off the record* de forma a não se comprometer. Este tipo de fontes recebe, muitas vezes, um nome fictício. Este tipo de fontes pode, apenas, fornecer dados factuais e nunca opiniões.

#### 4.2.6 Qualificação

Por último, abordamos a “qualificação das fontes”, ou seja, a credibilidade que as mesmas têm perante os jornalistas. “Para o jornalista a melhor fonte de informação não é a que sabe tudo, mas a que conta o que sabe... a que tem jeito de jornalista. Sabe observar, valoriza o detalhe e guarda tudo na memória” (Noblat, 2006, 62)” (Schmitz, s/d, 17 e 18).

Em primeiro lugar surge a **fonte confiável**. “Para Gans (1980, 129 e 130), os jornalistas selecionam as suas fontes pela conveniência e confiabilidade, aquelas que mantêm uma relação estável, são acessíveis e articuladas, disponibilizam declarações ou dados de forma eficaz, isto é, a informação certa e verdadeira na hora esperada ou rapidamente” (Schmitz, s/d, 18). São as fontes que mantêm uma relação estável com os jornalistas, aquelas que são lícitas e leais e que funcionam como olhos e ouvidos do profissional, quando ele não está presente.

Existe, depois, a **fonte fidedigna**, que são as fontes que têm um elevado grau de notoriedade e credibilidade perante o jornalista e a sociedade. Por fim, a **fonte duvidosa**. Faz parte da profissão de jornalista desconfiar e confirmar sempre, mas este tipo de fontes aguça ainda mais essa prática, por demonstrarem ser suspeitas. Nestes casos o jornalista guarda a informação prestada mas confirma-a com as fontes confiáveis ou fidedignas.

Em suma, o jornalista deve avaliar a confiança que deposita nas suas fontes porque é isso que vai determinar as informações que vão ser utilizadas na notícia e a forma como a mesma é apresentada aos leitores.

“*A fonte é o sangue do jornalista*” (Mencher, 1991, 282).

## Capítulo 5. Análise e discussão dos resultados

A análise do *corpus* documental, constituído por um total de 6717 artigos permitiu chegar às primeiras conclusões. Os gráficos que se seguem demonstram e comparam os 3202 artigos das edições impressas do Correio da Manhã, os 975 artigos do Público e os 1556 artigos d'A Bola no que toca à dependência relativamente às agências noticiosas e ao tipo de fontes utilizadas, bem como o meio de acesso às mesmas.

Ao longo deste ponto pretendo responder às questões adicionais que referi na Introdução (página 6) da presente dissertação, bem como à questão principal que desencadeou a presente análise.

Durante os trinta dias em que analisei os três jornais diários (Correio da Manhã, Público e A Bola) e os dois semanários (Expresso e Jornal do Fundão), foi possível verificar que em 6717 artigos, 28 correspondem a meras transposições de *takes*, artigos e reportagens da Lusa. Ainda dentro deste universo de 6717 artigos analisados existem 3048 que não possuem assinatura, pelo que a sua origem não pode ser comprovada, ainda assim considero que existe uma boa parte dos artigos que são provenientes da agência Lusa devido ao fato de em 35 vezes a fonte deste universo de artigos analisados ter sido a própria agência, sendo que 5072 artigos nem sequer apresentam qualquer referência à fonte contatada, mesmo que existam citações que, provavelmente, foram retiradas de notícias da Lusa e não foram identificadas.

O Público é, dos jornais analisados, aquele que mais utiliza e identifica a Lusa, mais especificamente 21 notícias com assinatura da agência, num universo de 975 artigos, enquanto o Correio da Manhã é o jornal que soma mais notícias sem assinatura, 2165 notícias para ser precisa, num universo de 3202 artigos, ou seja, 67,7% da produção analisada do Correio da Manhã não possui “responsável” pela informação propagada.

Existe ainda uma outra variável de análise que, na minha opinião é interessante de observar que é a “Assinatura do jornalista com Lusa”. Aqui já não se identifica, nem se assume, que a proveniência do artigo é da agência, diz-se ao leitor que numa primeira fase o artigo surgiu através da agência nacional mas que depois foi tratado pelo ocs. A questão é que, em nenhuma das notícias analisadas foi possível verificar qualquer contato com qualquer fonte nas notícias assinadas “com a Lusa” que não tivessem só e apenas fontes contatadas pela própria Lusa. Afinal é assinada “com” Lusa porquê, se nada foi acrescentado?



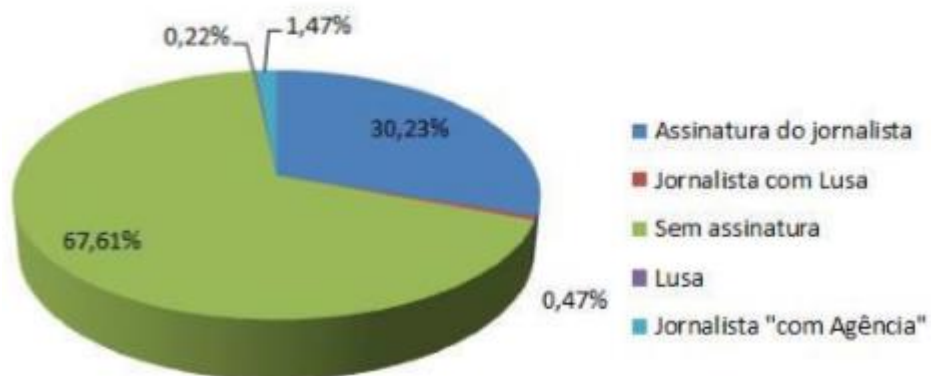
Na análise feita aos *sites* dos diários pode verificar-se um maior uso/identificação da agência nacional. No Correio da Manhã verificaram-se 19 artigos com a assinatura da Lusa, num universo de 150 artigos analisados, no Público, com o mesmo universo, verificaram-se 12 artigos assinados pela agência nacional, A Bola apresenta zero artigos assinados com “Lusa” no seu *site*, durante o período analisado, ainda que um dos artigos tenha a Lusa como fonte e 46 não apresentem origem das fontes que levaram às publicações, o que deixa a dúvida no ar se aqueles artigos tiveram como ímpeto algo publicado pela agência.

A prática recorrente do Correio da Manhã, de ter notícias sem assinatura e sem fontes, deixa dúvidas relativamente à autoria dos textos. Fidalgo repugna esta atitude dos órgãos referindo que “citar as fontes é igualmente citar as agências tantas vezes deixadas no anonimato, ou as informações “picadas” de outros órgãos de informação: desrespeitar direitos de autor, plagiar trabalho alheio, atribuir vagamente a origem da informação só para não ter de citar o nome de um jornal concorrente, são algumas das infrações mais frequentes a este dever ético” (Fidalgo, 2000, 326).

Relativamente aos jornais semanários nas edições impressas a identificação da agência Lusa não é relevante. No Jornal do Fundão, em seis edições e 136 artigos, verificou-se apenas um artigo com assinatura da Lusa e zero no Expresso. Nos *sites* dos respetivos semanários o Jornal do Fundão não apresenta nenhuma assinatura da Lusa já o Expresso apresenta cinco, num universo de 30 artigos analisados *online*.

Para responder à questão I. “Qual a quantidade de conteúdos provenientes da agência Lusa?” apresentamos abaixo gráficos quantitativos para uma melhor perceção da realidade analisada.

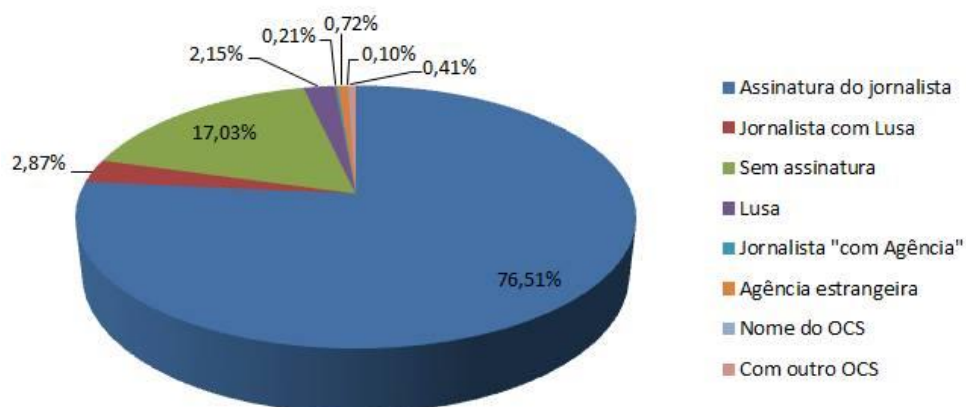
**Gráfico 1 - Correspondente às assinaturas do Correio da Manhã (versão papel)**



**Fonte Gráfico 1 - Elaborado pela autora**

Num universo de 3202 artigos, o Correio da Manhã obteve apenas sete (0,22%) artigos com assinatura da Lusa contra os 968 (30,23%) com assinatura do jornalista do OCS e 2165 (67,6%) sem assinatura.

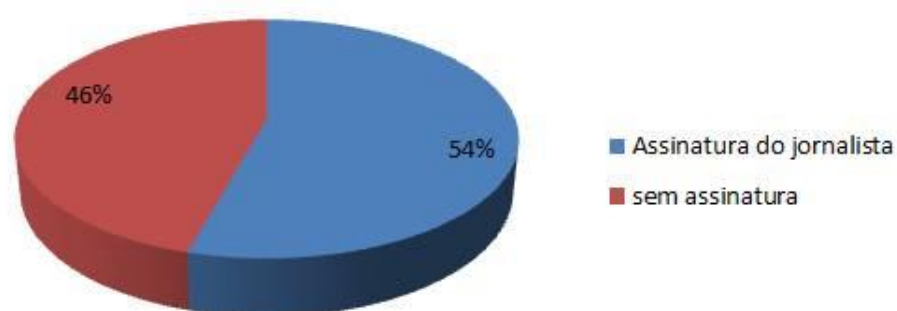
**Gráfico 2 - Correspondente às assinaturas do Público (versão papel)**



Fonte Gráfico 2 – elaborado pela autora

Num universo de 975 artigos, o Público obteve 21 (2.15%) artigos com assinatura da Lusa e 746 (76,51%) assinatura do jornalista do OCS.

Gráfico 3 - Correspondente às assinaturas d'A bola (versão papel)



Fonte Gráfico 3 – elaborado pela autora

Neste periódico não existem, durante o período analisado, artigos com assinatura da agência nacional, e contrariamente ao que se passa no Correio da Manhã, n'A Bola não há indícios de que os artigos sem assinatura tenham proveniência da Lusa uma vez que, num universo de 711 artigos d'A bola sem assinatura, 670 se tratam de breves não assinadas que relatam resultados ou prognósticos de jogos, sem recurso a fontes.

É possível concluir nesta fase que o peso da agência Lusa n'A Bola e no Correio da Manhã aparenta ser praticamente nulo, já no Público nota-se que a utilização de artigos da agência tem um peso considerável. Ainda assim o Correio da Manhã apresenta uma quantidade exagerada de notícias com citações e sem assinatura, o que põe em causa se existiu ou não uso de informação proveniente da Lusa.

Relativamente à segunda questão complementar “Qual a quantidade de conteúdos provenientes de agências internacionais?” nesta análise ficou bem claro que, tanto nos jornais diários como nos semanários, nas suas versões impressas e online, as agências internacionais têm pouca representatividade. Mais uma vez, “a ganhar esta batalha” aparece o Público, o único dos cinco jornais a apresentar sete artigos provenientes de agências estrangeiras, num

universo de 975 artigos analisados. No caso dos artigos analisados nos sites dos ocs a representatividade das agências internacionais enquanto assinatura é nula, aparecendo apenas uma vez no Correio da Manhã e uma vez no Público enquanto fonte.

Outra das questões adicionais levantadas no início foi qual seria a quantidade de conteúdos provenientes de outros órgãos de comunicação social. Na análise foi possível concluir que não é comum existirem assinaturas de outros órgãos de comunicação social nos jornais analisados, por outro lado é comum que outros órgãos de comunicação lhes sirvam como fonte, respondendo, assim simultaneamente à questão V: “qual a quantidade de conteúdos informativos com recurso a outros órgãos como fonte?”.

Exemplo maior disto é o Público, que num total de 636 fontes nos 975 artigos analisados, apresenta outros órgãos de comunicação social como fonte 115 vezes, representando um total de 18,08% das fontes utilizadas no período analisado.

No Correio da Manhã, no Expresso e n'A Bola outros ocs servem de fonte três, uma e oito vezes, repetivamente.

Na análise feita aos sites dos jornais é possível verificar a mesma situação mas com contornos diferentes. Aqui é o Jornal do Fundão a publicação apresenta outros ocs mais vezes como fontes, 22 vezes, para ser precisa, o que representa 44% das 50 fontes utilizadas nos 150 artigos analisados. A Bola apresenta esta situação 14 vezes, em 30 notícias, o que faz com que outros ocs representem uma grande fatia das fontes presentes nos artigos analisados, 46,7% mais precisamente.

O Correio da Manhã, o Expresso e o Público têm uma fatia mais pequena neste bolo, apresentando cinco (10,2%), uma (9,1%) e 10 (12,2%) fontes presentes nos artigos analisados.

E à medida que a análise avança começam a formar-se conclusões que se aproximam cada vez mais da pergunta de partida deste estudo, tais como o facto de a produção noticiosa própria ser mais relevante do que as outras variáveis, em termos quantitativos.

Vejam os a tabela abaixo:

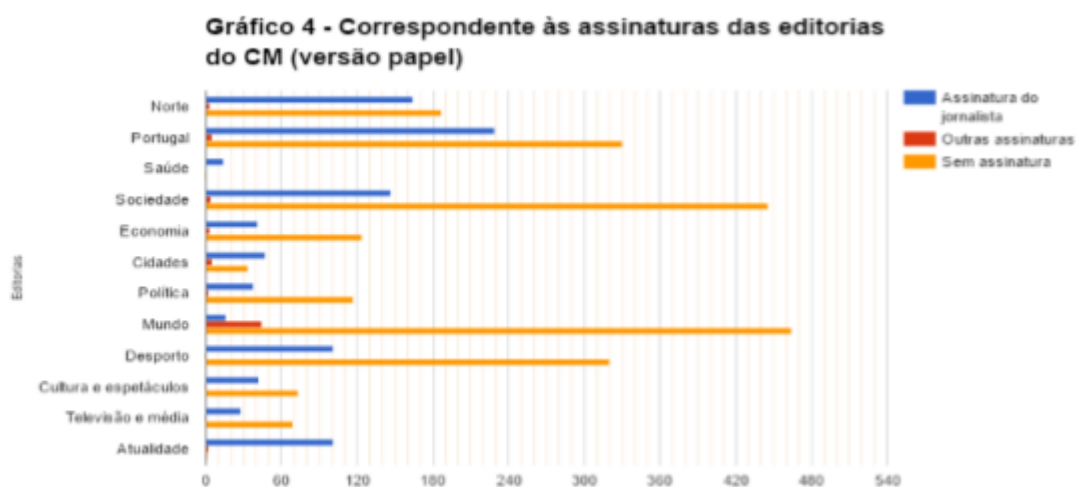
<b>Tabela 1 - Jornais (versão papel)</b>	Correio da Manhã	Expresso	Público	A bola	Jornal do Fundão
Assinatura do jornalista	968	116	746	845	114
<b>% artigos assinados</b>	<b>30,23%</b>	<b>85,29%</b>	<b>76,51%</b>	<b>54,30%</b>	<b>33,72%</b>
Sem fonte	2896	54	456	1192	274
<b>% artigos sem fonte</b>	<b>90,50%</b>	<b>39,70%</b>	<b>46,76%</b>	<b>76,60%</b>	<b>81,06%</b>
Total de notícias analisadas em cada ocs	3202	136	975	1556	338

**Fonte Tabela 1 - elaborado pela autora**

É possível ver nesta tabela que a maioria dos ocs apresentam mais de 50% de notícias assinadas pelo jornalista. Por outro lado, os mesmo órgãos apresentam uma elevada taxa de artigos sem fontes, o que demonstra que mesmo quando os artigos são assinados, não recorrem a fontes para verificar as informações muitas das vezes. Poderá esta situação ser considerada produção própria?

Na Introdução uma das questões adicionais que coloquei foi “quais são as editorias com mais produção própria?” e considero que nesta fase já se percebeu que a produção própria não se baseia só no fato de o artigo estar ou não assinado, uma vez que depois a fonte pode ser a Lusa e estar “camuflada” com o nome de um jornalista só porque foi alterada uma vírgula na informação que foi primeiramente gerada pela agência e na pior das hipóteses a notícia pode estar assinada sem recurso a fonte alguma.

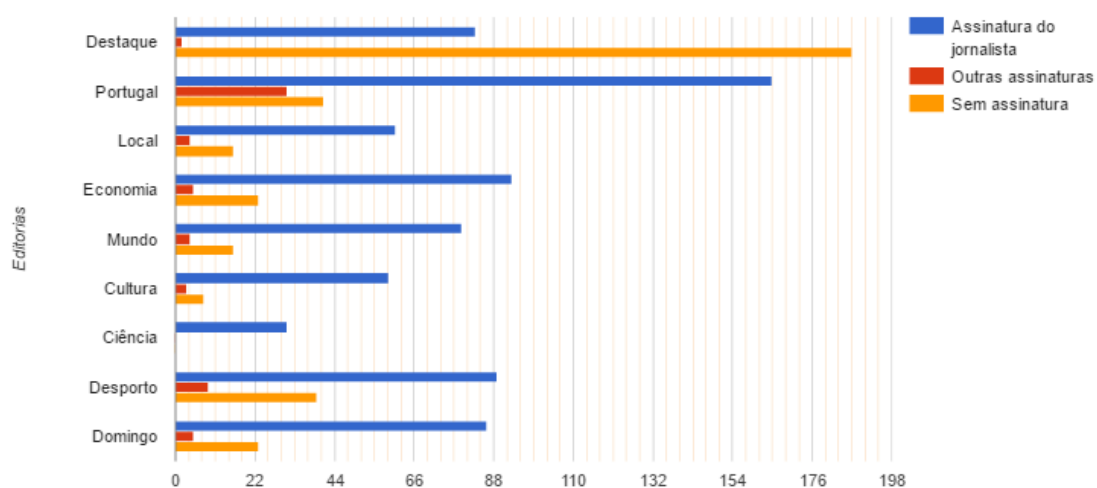
Abaixo apresento gráficos correspondentes às editorias dos jornais nas suas versões em papel e *online*.



**Fonte Gráfico 4 – elaborado pela autora**

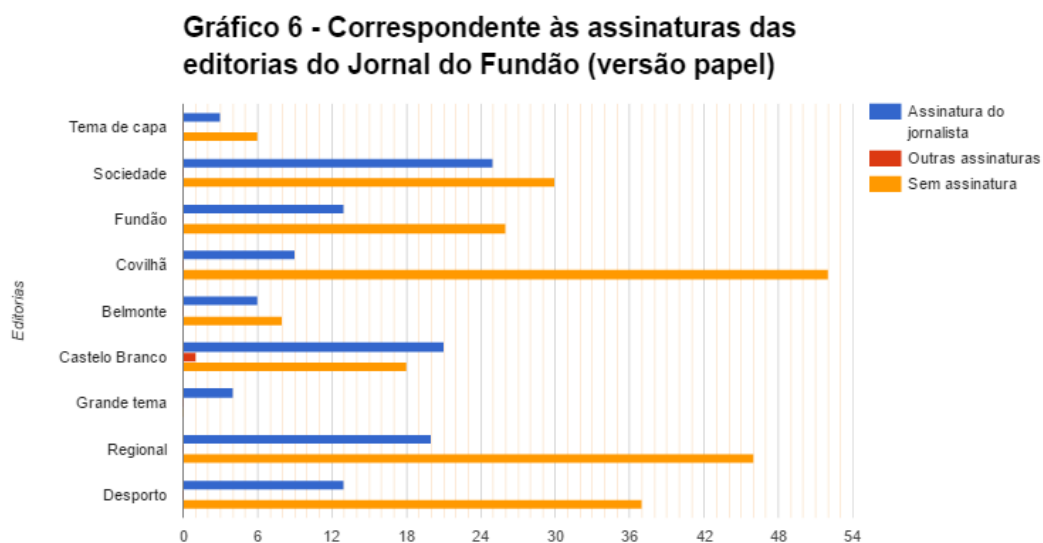
Num universo de 564 artigos da editoria Portugal esta é a que mais vezes apresenta assinatura do jornalista (229/40,6%), enquanto a editoria Mundo com 525 artigos apresenta 16 com assinatura do jornalista (3,04%).

**Gráfico 5 - Correspondente às assinaturas das editorias do Público (versão papel)**



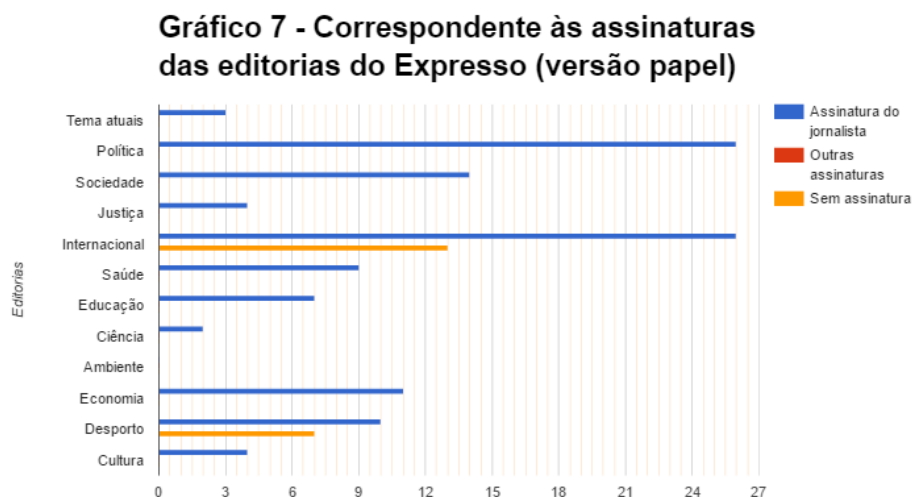
**Fonte Gráfico 5 – elaborado pela autora**

Num universo de 237 artigos da editoria “Portugal” e 99 da editoria “Mundo” a editoria Mundo é a que apresenta mais artigos com assinatura do jornalista (79/ 79,8%)



Fonte Gráfico 6 – elaborado pela autora

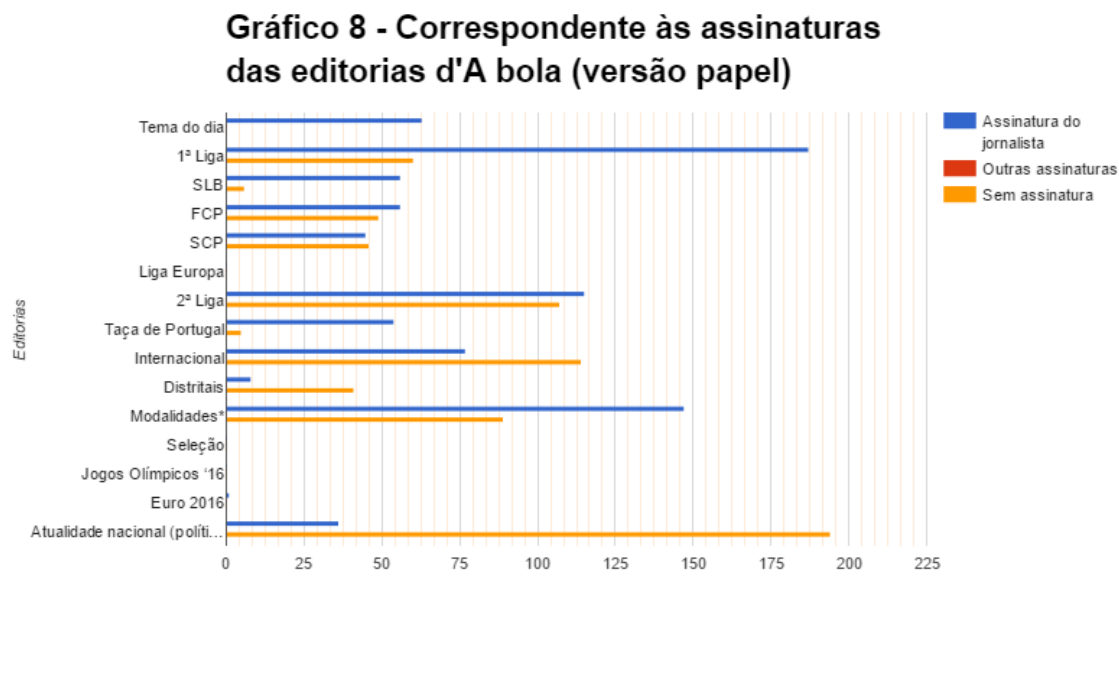
Num universo de 55 artigos a editoria “Sociedade” é a que apresenta mais vezes (25/ 45,5%) artigos assinados pelo jornalista. Já a editoria “Regional”, num universo de 66 artigos, é a que apresenta mais notícias sem assinatura (46/ 69,7%).



Fonte Gráfico 7 – elaborado pela autora



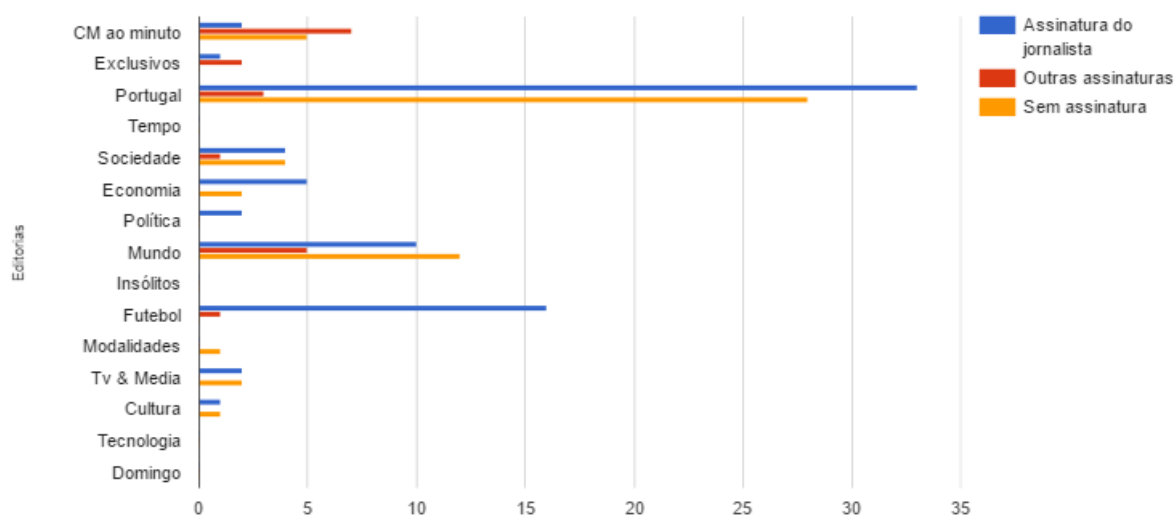
Num universo de 26 artigos as editorias “Política” é a que mais vezes (26) aparece assinada pelos jornalistas do ocs.



Fonte Gráfico 8 – elaborado pela autora

Num universo de 247 artigos da editoria “1ª Liga” apresenta 187 (79,7%) notícias assinadas, enquanto a editoria “Internacional” apresenta 77 (40,3%) notícias com assinatura, num universo de 191 artigos.

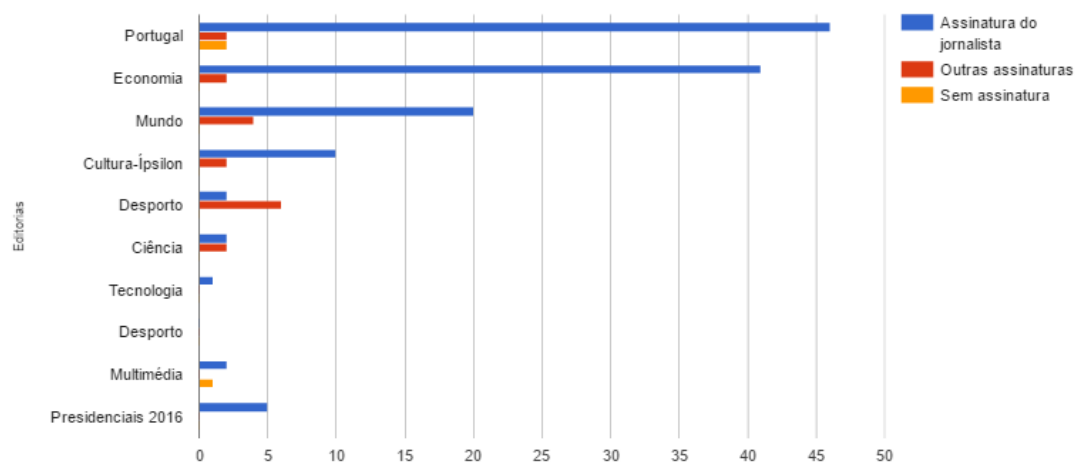
**Gráfico 9 - Correspondente às assinaturas das editorias do CM (versão online)**



Fonte Gráfico 9 – elaborado pela autora

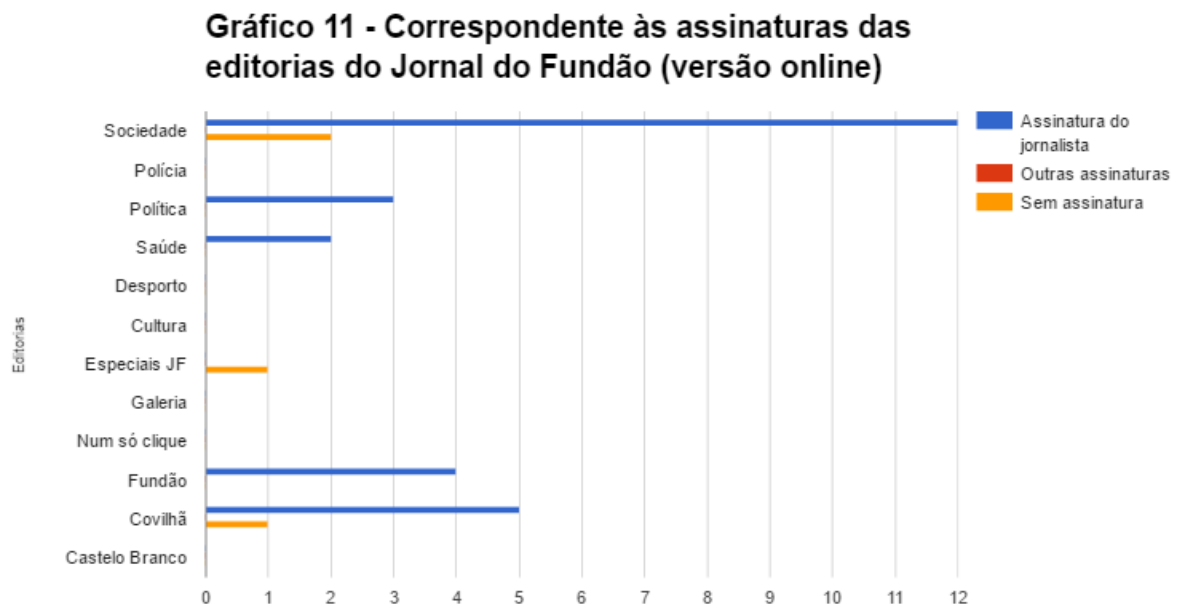
Num universo de 64 artigos a editoria “Portugal” é a que mais vezes (33/ 51,6%) aparece assinada pelos jornalistas do ocs.

**Gráfico 10 - Correspondente às assinaturas das editorias do Público (versão online)**



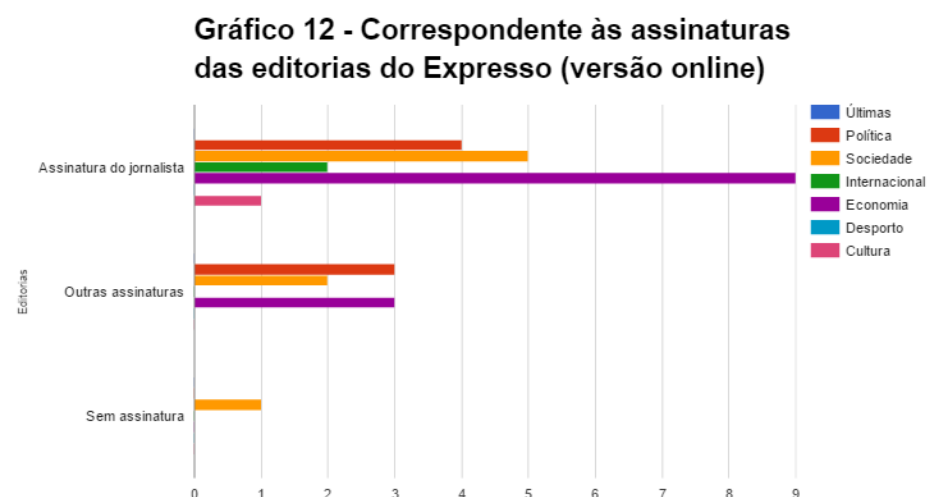
Fonte Gráfico 10 – elaborado pela autora

Num universo de 50 artigos a editoria “Portugal” é a que mais vezes (46) aparece assinada pelos jornalistas do ocs.



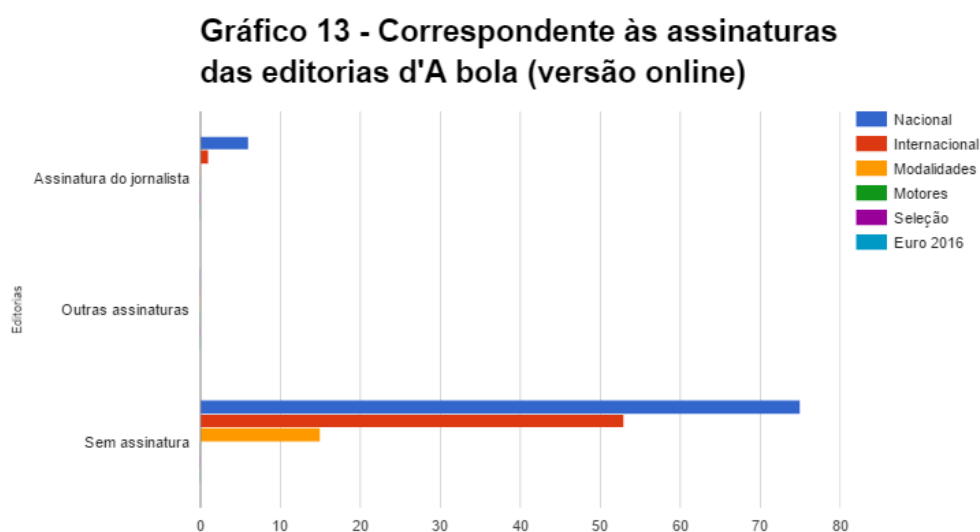
Fonte Gráfico 11 – elaborado pela autora

Num universo de 14 artigos a editoria “Sociedade” é a que mais vezes (12) aparece assinada pelos jornalistas do ocs.



Fonte Gráfico 12 – elaborado pela autora

Num universo de 8 artigos a editoria “Sociedade” é a que mais vezes (5) aparece assinada pelos jornalistas do ocs.



Fonte Gráfico 13 – elaborado pela autora

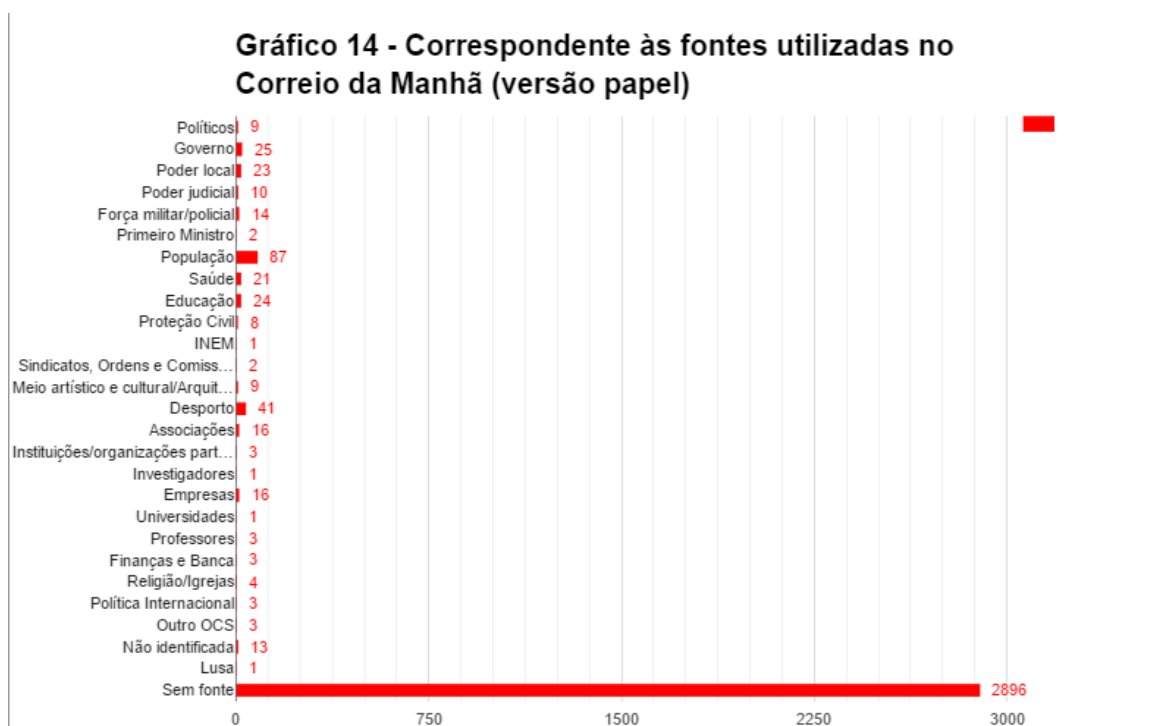
Num universo de 81 artigos a editoria “Nacional” é a que mais vezes (6) aparece assinada pelos jornalistas do ocs, ainda assim, de notar, que apresenta uma elevada taxa de notícia sem assinatura (75), 92,6%.

Analizados os gráficos relativos às assinaturas das editorias do Correio da Manhã, Público, A Bola, Expresso e Jornal do Fundão (nas edições impressas e *online*) e considerando que a quantidade de produção própria depende, também mas não só, de quem assina os artigos é possível afirmar que nos jornais impressos (Público, Expresso e A Bola) existem mais artigos com assinatura do que no Jornal do Fundão e no Correio da Manhã.

As editorias nacionais têm maioria de notícias assinadas nos jornais Público, Expresso e A Bola. De referir que em termos de influência da agência Lusa, o Público “vence” esta batalha. No caso dos jornais online existem mais artigos assinados do que em papel à exceção do jornal A Bola, ainda assim, nota-se na internet uma maior influencia/dependência da Lusa,

explicada aqui pela instantaneidade exigida pelo meio, que num jornal em papel é mais difícil de compreender.

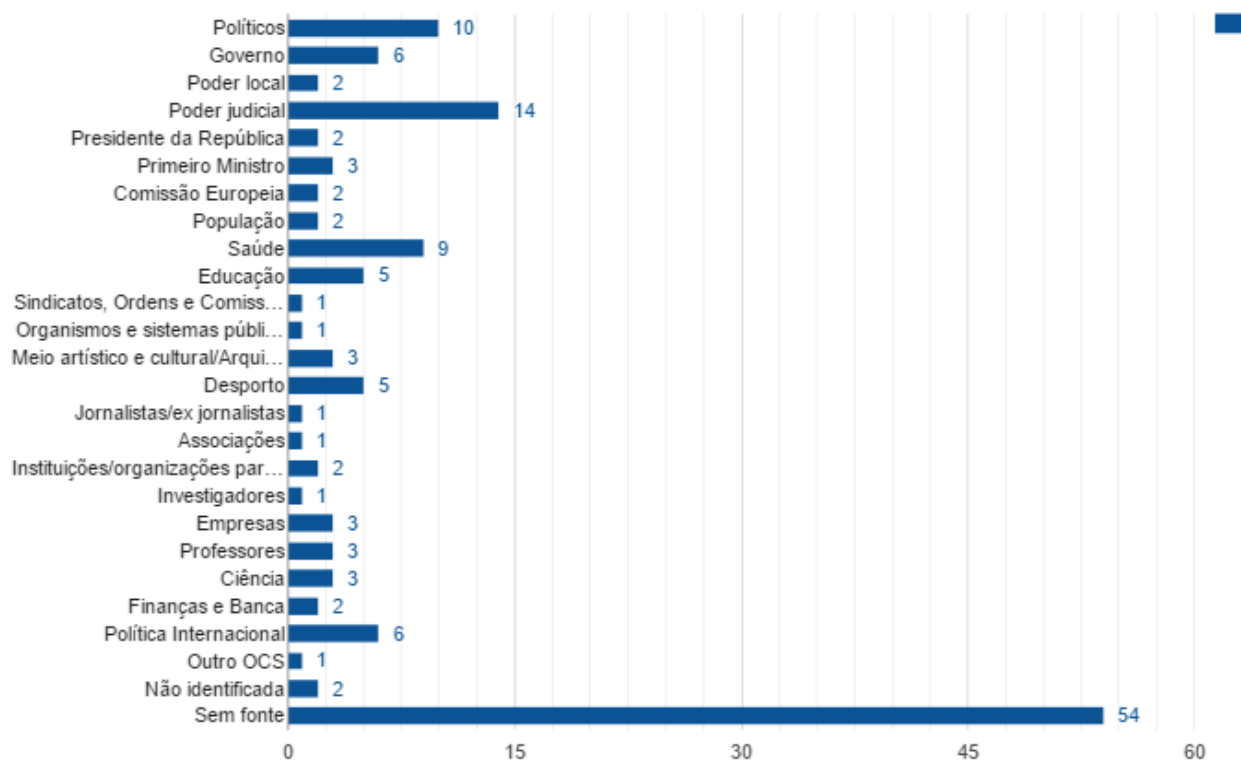
Na amostra noticiosa analisada foram identificadas 1556 fontes nos jornais impressos que vão ser alvo de comparação ao longo deste ponto de forma a concluir quais são os tipos de fontes predominantes nos artigos e quais os tipos de fontes mais utilizados pelas notícias claramente identificadas como sendo da agência Lusa.



**Fonte Gráfico 14 – elaborado pela autora**

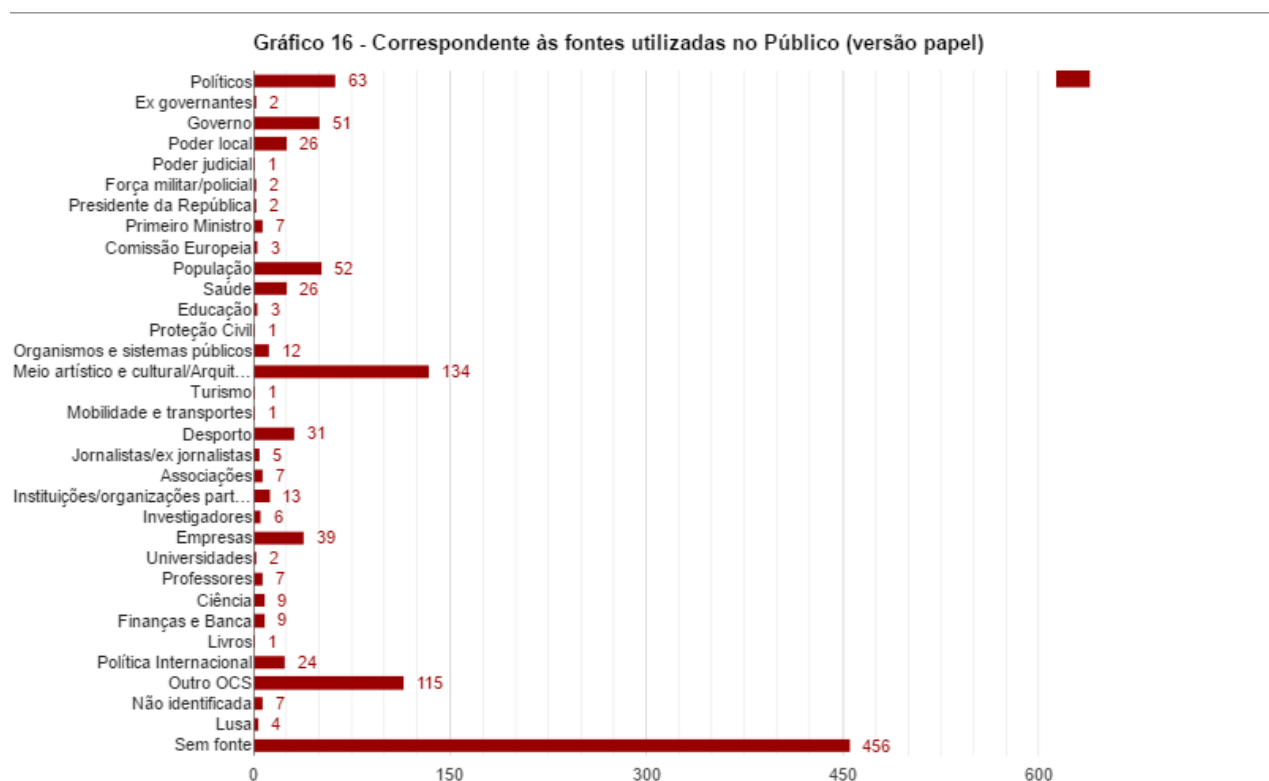
No Correio da Manhã nota-se uma clara tendência na utilização da “População” enquanto fonte, e, como já tínhamos visto anteriormente uma enorme quantidade de artigos sem recurso a fontes. Num universo de 3195 artigos a população foi utilizada como fonte 87 (2,72%) vezes. E foram 2896 (90.64%) as vezes em que neste universo de artigos não foi apresentada qualquer fonte.

**Gráfico 15 - Correspondente às fontes utilizadas no Expresso  
(versão papel)**



**Fonte Gráfico 15 – elaborado pela autora**

No Expresso o “Poder judicial” e os “Políticos” são as fontes mais utilizadas e existe também aqui um grande número de artigos sem recurso a fonte.



**Fonte Gráfico 16 – elaborado pela autora**

O Público é de todos os jornais o que mais utiliza fontes variadas. “Políticos” (6,60%), “Governo” (5,34%), “População” (5,45%), “Meio artístico e cultural” (14,04%) e “Outros ocs” (12,05%) são as que aparecem em maior número. Uma vez mais artigos sem fonte a ficarem com a maior fatia do “bolo”, 47,7% para ser mais precisa.

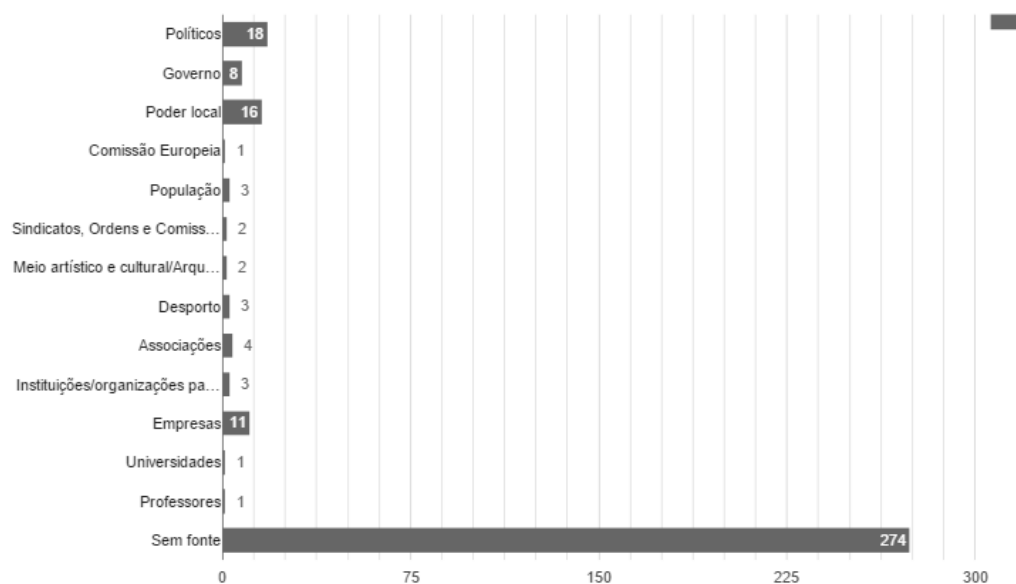


**Fonte Gráfico 17 – elaborado pela autora**

A Bola como jornal desportivo que é tem, obviamente, muitos artigos com fontes ligadas ao desporto (21,40%) ainda assim a maioria das publicações continua a não ter fonte, tal como os outros periódicos (76,60%).



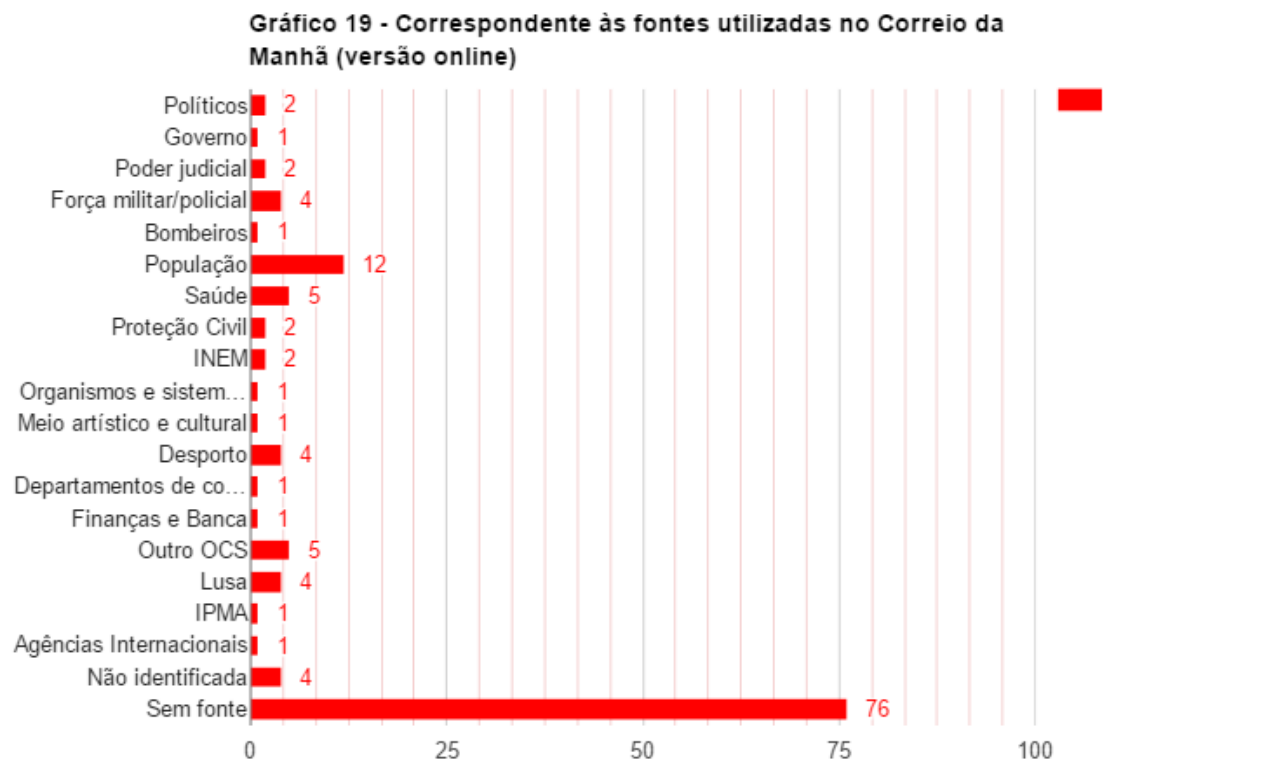
**Gráfico 18 - Correspondente às fontes utilizadas no Jornal do Fundão (versão papel)**



**Fonte Gráfico 18 – elaborado pela autora**

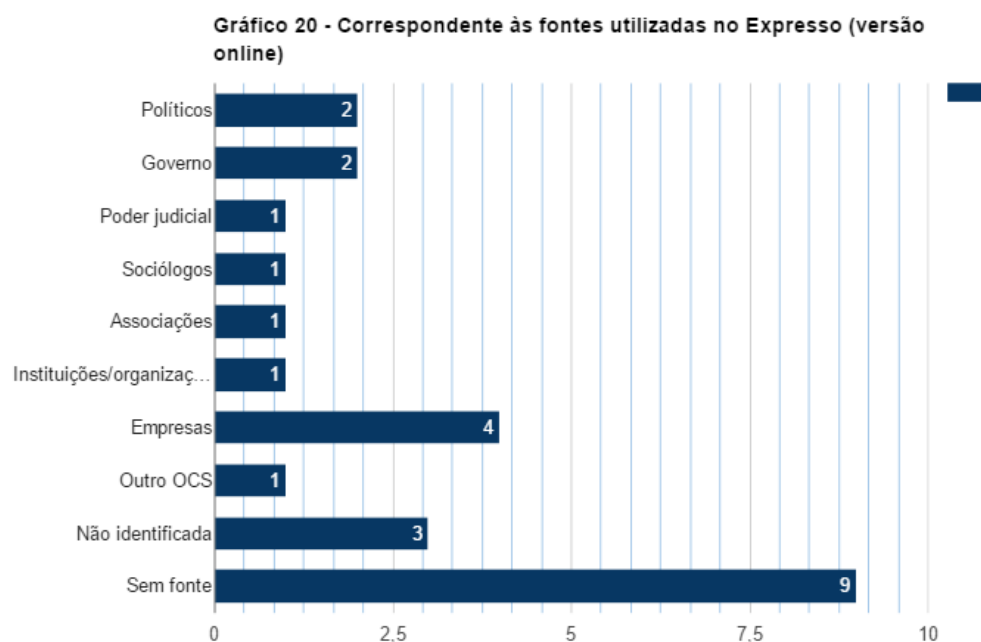
O Jornal do Fundão segue a linha da maioria dos artigos publicados não terem fonte (81,06%) e apresenta como maior parte das fontes “Empresas”, “Poder local” e “Políticos”. O Jornal do Fundão é, de todos os jornais, o que mais artigos sem fonte apresenta, relativamente ao universo de artigos analisados.

Vejamos se a problemática dos artigos sem recurso a fontes também acontece nas edições *online* dos jornais analisados.



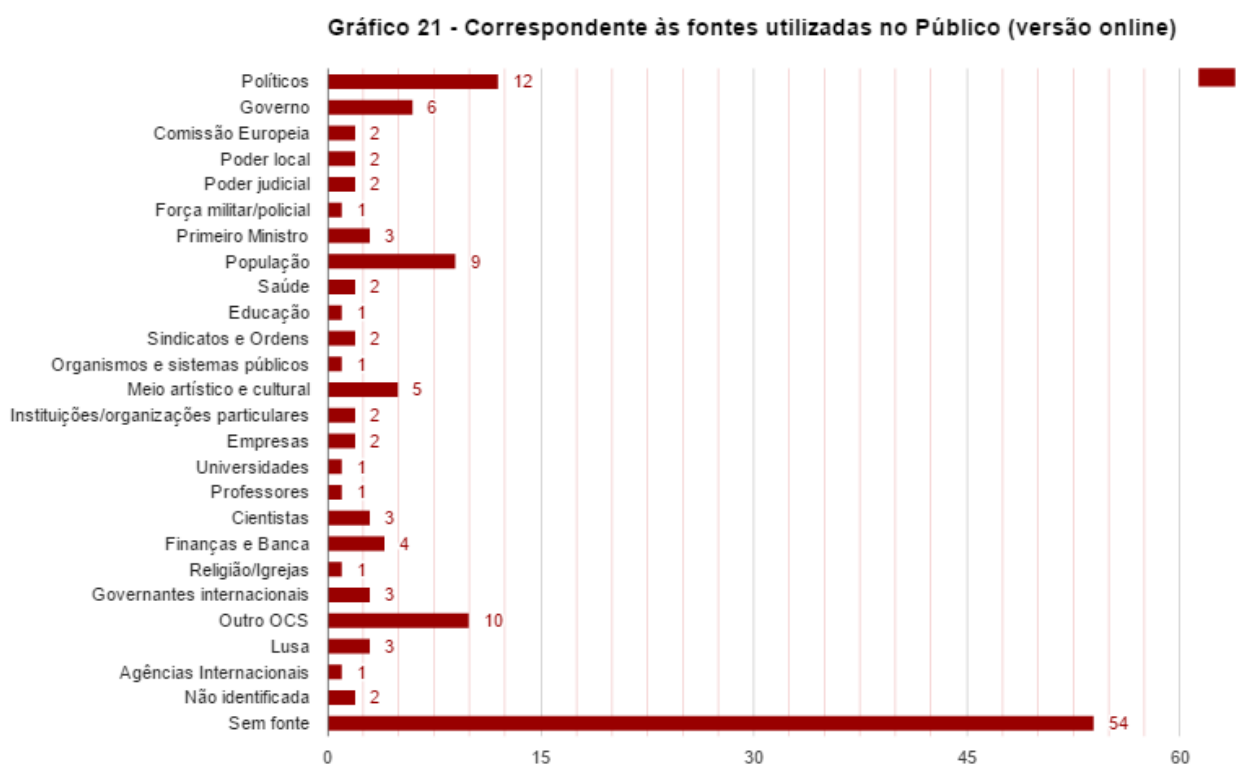
Fonte Gráfico 19 – elaborado pela autora

A situação do Correio da Manhã no seu *site* é idêntica à do seu jornal impresso. Com 58% de artigos sem fontes num universo de 131 analisados.



Fonte Gráfico 20 – elaborado pela autora

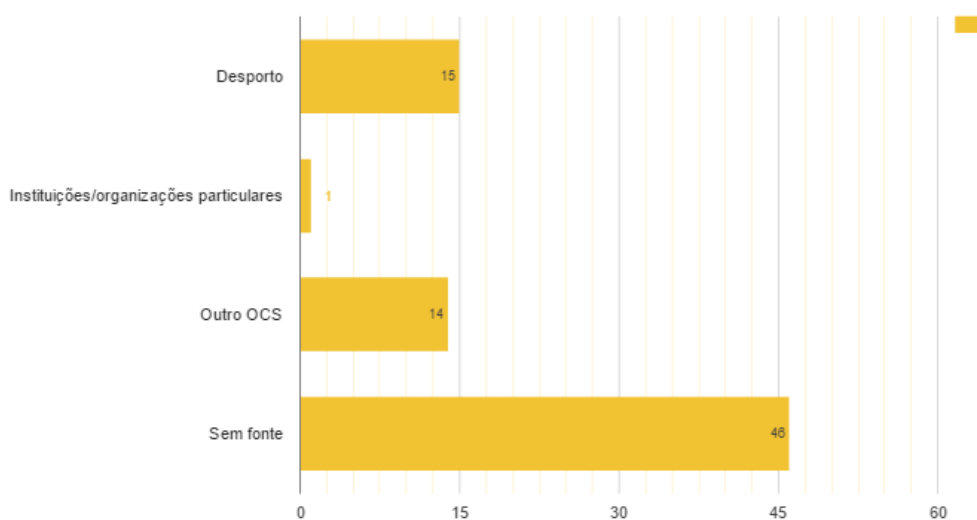
No Expresso *online* predominam as fontes empresariais (16%) e existe também aqui um grande número de artigos sem recurso a fonte (36%).



Fonte Gráfico 21 – elaborado pela autora

O Público online é muito semelhante ao Público impresso em termos de fontes. É de todos os jornais o que mais utiliza fontes variadas. “Políticos” (8,33%), “Governo” (4,16%), “População” (6,25%), “Meio artístico e cultural” (3,47%) e “Outros ocs” (6,94%) são as que aparecem em maior número. Uma vez mais artigos sem fonte a ficarem com a maior fatia do “bolo” (37,5%).

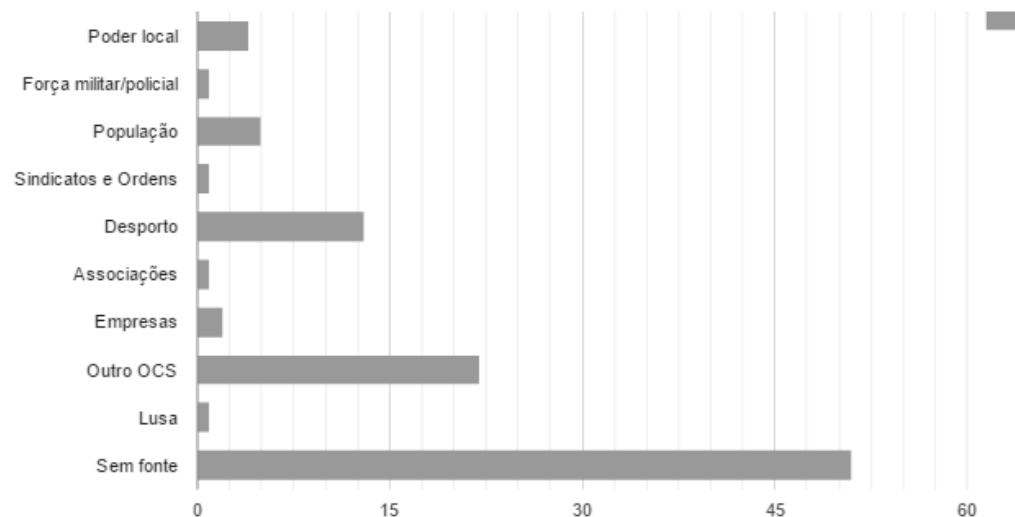
**Gráfico 22 - Correspondente às fontes utilizadas n'A bola (versão online)**



**Fonte Gráfico 22 – elaborado pela autora**

A Bola online também apresenta muitos artigos com fontes ligadas ao desporto ainda assim muitas das publicações continuam a não ter fonte (30,70%).

**Gráfico 23 - Correspondente às fontes utilizadas no Jornal do Fundão (versão online)**

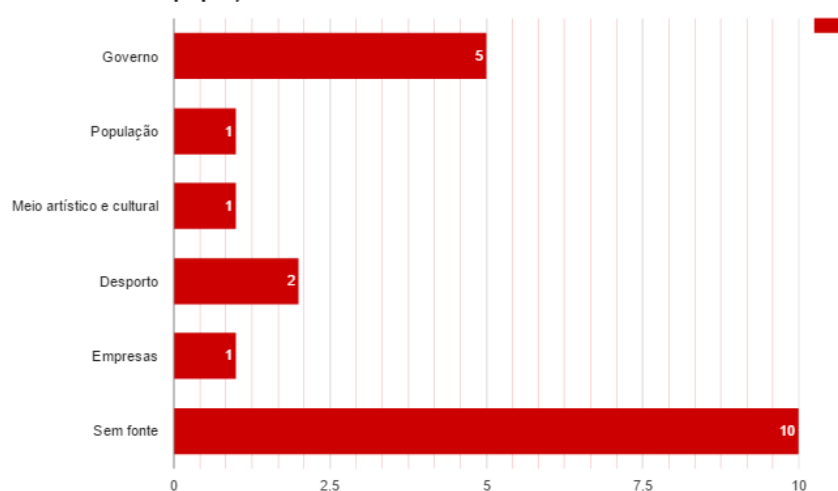


Fonte Gráfico 23 – elaborado pela autora

A versão *online* do Jornal do Fundão é a que mais difere da sua edição em papel. Se na edição impressa o jornal tinha como maior parte das fontes “Empresas”, “Poder local” e “Políticos” no *online* predominam as fontes desportivas (13) e outros ocs (22).

Vejamos agora os tipos de fontes mais utilizados pelas notícias, claramente, identificadas como sendo da agência Lusa.

**Gráfico 24 - Correspondente às fontes utilizadas pelos artigos assinados com "Lusa" no Público (versão papel)**



**Fonte Gráfico 24 – elaborado pela autora**

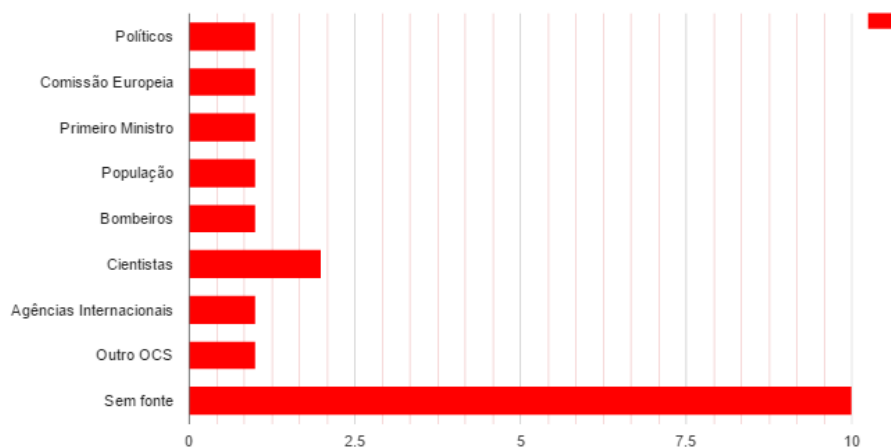
Neste ponto apenas apresento o jornal Público porque é o único jornal que apresenta fontes nos artigos assinados pela Lusa. Num universo de 21 artigos com assinatura da Lusa 47,61% não têm fonte e 23,8% são fontes governamentais.

O que acontece aqui (e no Correio da Manhã, principalmente) é que as notícias são diminuídas e o que acaba por ficar é o sumo, sem a fonte, portanto a “culpa” da falta de fontes, nos artigos assinados com “Lusa”, não é propriamente da agência, mas sim do órgão que opta por propagar a informação sem fonte da agência, nem própria.



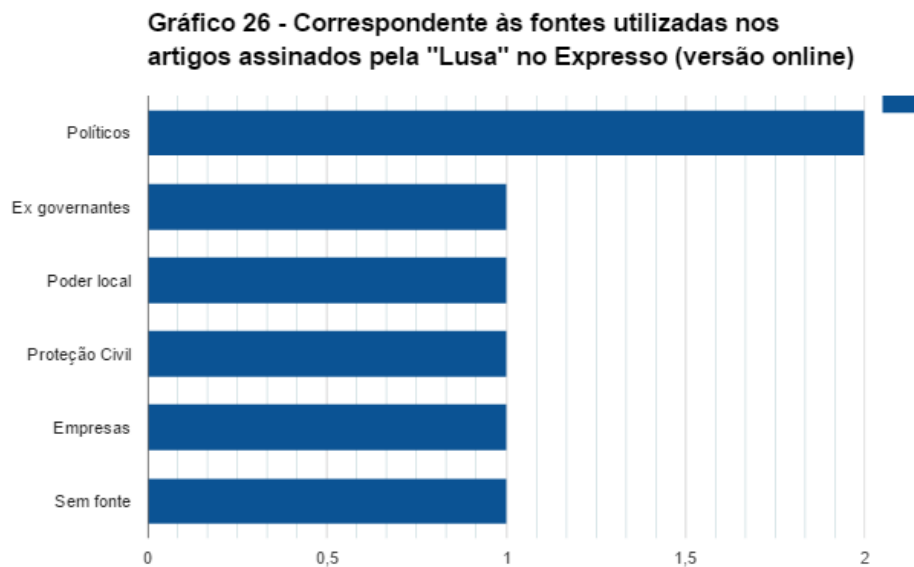
*Ilustração II Exemplo de notícia da Lusa; Correio da Manhã 19/01/2016*

**Gráfico 25 - Correspondente às fontes utilizadas pelos artigos assinados com "Lusa" no Correio da Manhã**



**Fonte: Gráfico 25 – elaborado pela autora**  
(Gráfico correspondente à versão *online* do jornal)

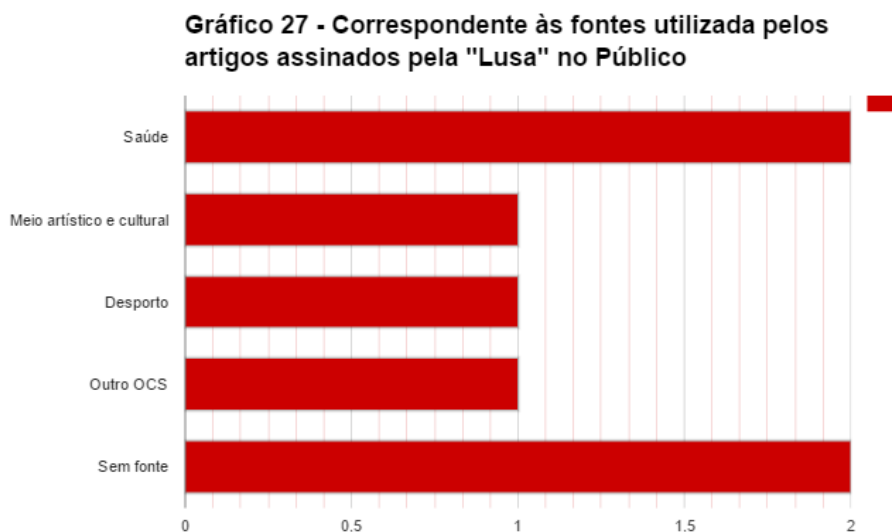
No *Correio da Manhã online* os artigos assinados com Lusa são na sua maioria artigos sem fonte.



---

**Fonte Gráfico 26 – elaborado pela autora**

O *Expresso online* é o único jornal cujos artigos assinados com Lusa não são na sua maioria sem fonte mas sim de políticos.



**Fonte Gráfico 27 – elaborado pela autora**  
(Gráfico correspondente à versão *online* do jornal)

Num universo de seis artigos com assinatura da Lusa, no Público, duas vezes foram contactadas fontes da área da saúde, uma da área cultural, uma da área do desporto, uma vez foi citado outro ocs e em 2 artigos não existiu sequer fonte.

Num total de 6207 artigos analisados nos jornais impressos foram 4872 as vezes que se observou inexistência de fontes, e 127 as vezes em que outros ocs serviram de fonte para os jornais (incluindo os artigos da Lusa).

Neste ponto pretendo também analisar de uma forma geral as fontes quanto ao “grupo”, aproveitando assim a classificação de Schmitz presente na Revisão da Literatura deste Estudo.

Quanto ao Correio da Manhã a maior parte das fontes identificadas são de ordem Individual e/ou Testemunhal, no Expresso são Fontes Oficiais, no Público Oficiais e Individuais, n'A Bola a maior parte são fontes Institucionais, no Jornal do Fundão a fatia maior do bolo calha, uma vez mais, às fontes Oficiais.

No que toca às fontes utilizadas pela Lusa, estas são na sua maioria de ordem, também, Oficial e Institucional.



A partir desta análise é possível afirmar que não existe dependência dos OCS portugueses perante a agência Lusa, contudo é um fato que as redações difundem muitas notícias provenientes deste meio.

Se nos focarmos apenas nos números podemos apontar as conclusões para a segunda hipótese, a verdade é que a Lusa é difundida por todos os órgãos de informação com frequência, órgãos esses que se citam e que criam um ciclo de repetição de fontes sem trabalho acrescido para o ocs. A quarta questão complementar levantada no início do Estudo também não pode ser tomada como válida para conclusão: as notícias podem até estar todas assinadas com o nome do jornalista, isso não implica verificação e investigação próprias.

A produção própria a que me refiro ao longo do estudo são, na verdade, as notícias assinadas pelo jornalista ou pelo ocs, mas ao longo da análise fui percebendo que esse indicador não basta para afirmar que se trata de produção própria porque mesmo as peças assinadas podem não ser consideradas produção própria, quer pela falta de fontes, quer pelo meio como a informação chegou ao ocs. Por exemplo, um comunicado de imprensa transcrito na íntegra não se pode considerar produção própria do jornal.

## Capítulo 6. Conclusões

Com a elaboração deste estudo de caso pretendia perceber de forma objetiva a verdadeira importância que as agências de notícias têm para os órgãos de comunicação social portugueses, o peso que têm no seio das redações enquanto fonte de informação e, como tal, considerei também pertinente verificar os tipos de fonte utilizados e os meios de acesso às mesmas, em formas diferentes, nas edições impressas e *online*.

Depois de responder às questões centrais levantadas no início do trabalho, não há dúvidas de que as agências de notícias têm um papel relevante, tanto para os media como para a sociedade, mas segundo os dados quantitativos não é possível afirmar uma dependência.

Numa época em que a comunicação se pauta pela instantaneidade, as agências noticiosas representam um importante papel na produção e difusão de informação jornalística rigorosa e instantânea, principalmente no *online*.

Numa primeira fase deste estudo, a revisão da literatura permitiu-me sistematizar o tipo de fontes de informação segundo Schmitz (s/d), perceber melhor como funciona a relação entre jornalistas-fontes, identificar o que está na origem da problemática apresentada e conhecer como funciona uma agência de notícias e como é vista na perspetiva dos meios de comunicação social no jornalismo atual. Numa segunda fase, mais propriamente no tratamento dos dados recolhidos ao longo de 30 dias, apresentamos números pertinentes que transmitem, de forma objetiva, o que se passa atualmente nos órgãos de comunicação nacionais.

Entre os dados recolhidos, registei, por exemplo, que em 6717 artigos, 28 correspondem a meras transposições de *takes*, notícias e reportagens da Lusa. Ainda dentro deste universo de 6717 artigos analisados existem 3048 que não possuem assinatura, pelo que a sua origem não pode ser comprovada, ainda assim considero que existe uma boa parte dos artigos que são provenientes da agência Lusa devido ao fato de em 35 vezes a fonte deste universo de artigos analisados ter sido, assumidamente, a própria agência, sendo que 5072 artigos nem sequer apresentam qualquer referência à fonte contatada, mesmo que existam citações que, provavelmente, foram retiradas de notícias da Lusa e não foram identificadas.

A análise, apesar de minuciosa, não permitiu esclarecer algumas questões. Dos artigos analisados, sem fontes, mas com citações, quantos provêm da Lusa? Calcular o número de artigos que provem da Lusa só é possível se os artigos analisados forem comparados aos *takes* da agência e para isso é preciso ter acesso a essas notícias, que apesar de serem difundidas por alguns sites o público em geral não tem acesso a todas, como foi o meu caso.

A sugestão que deixo para estudos futuros é que se analisem as notícias originais da Lusa e se comparem às notícias sem assinatura que os portugueses difundem, de forma a saber se aquelas notícias sem assinatura têm ou não proveniência da agência.

Ainda assim, no final do estudo foram analisadas 5% das notícias “sem assinatura” de todos os jornais impressos, o método utilizado foi retirar excertos e colocar no google para verificar se teriam sido retirados da agência Lusa. Foi possível chegar às seguintes conclusões: N'A Bola nenhuma das (35) notícias (5% do universo total) são provenientes da Lusa.

No Público das 9 notícias analisadas cinco correspondiam a notícias da agência portuguesa, portanto mais de metade desta amostra, pelo que podemos julgar que se tivessem sido analisados todos os artigos do Público poderia ser este o resultado: a maioria das notícias “sem assinatura” seriam provenientes da Lusa.

No Jornal do Fundão nenhuma das notícias “sem assinatura” destes 5% analisados provém da Lusa.

No Correio da Manhã, que é o jornal que apresenta mais notícias “sem assinatura”, apenas cinco notícias (destes 5% analisados, que perfaz 109 notícias) é que são provenientes da agência portuguesa, 104 são mesmo artigos “sem assinatura”. Também as notícias não assinada do Expresso (duas) não são Lusa.

Com esta análise não se pretendia afirmar que o problema se centra na “essencialidade” das agências mas sim explicar o quão errada está a utilização abusiva que os ocs fazem delas.

Respondendo à questão inicial “Será a produção própria dos jornais portugueses maior do que a sua dependência da agência Lusa?”: em termos quantitativos sim, em termos qualitativos não. Com esta resposta quero dizer que sim, os números apontam para uma maior difusão de notícias assinadas, por outro lado, os números também apontam para um elevadíssimo número de notícias sem fontes, 5,072 para ser precisa, e portanto a difusão de informação da Lusa não se revela tão sintomática como a difusão de informação sem recurso a fontes.

Os ocs produzem cada vez com menos rigor, a informação difundida não foi, muitas das vezes, conseguida por eles, confrontada e verificada por eles e como ficou comprovado na pequena amostragem de 5%, muitas das notícias que se apresentam sem assinatura, provêm muitas vezes da agência nacional sem que se refira, como se pode constatar no caso do Público na pequena confrontação de dados sem assinatura que apresentámos já no final desta dissertação.

As redações estão pobres e cada vez mais pequenas, não há espaço para muito mais do que processar comunicados de imprensa e modificar *takes* da Lusa sem recurso a fontes próprias do órgão.

Na elaboração deste estudo foi possível verificar que, mais do que uma dependência da Lusa, há falta de fontes que sustentem a informação difundida, para além de existir a necessidade de os ocs, particularmente o Correio da Manhã, perceberem a importância da responsabilização da informação difundida, através da sua assinatura.

E mais preocupante do que difundir informação da Lusa é difundir informação que além de não estar assinada nem fonte tem. Afinal o que andam os ocs portugueses a difundir tanto nos seus jornais, como nos seus *sites*?

Este é um assunto que não se esgota mas, pelo menos, ficou claro que a dependência, identificada, das agências é escassa no que é difundido pelos ocs analisados. Resta saber de onde vem a informação que não apresenta qualquer tipo de assinatura? Quem se responsabiliza? Quem deu a informação? E se as notícias sem assinatura forem realmente da Lusa porque não se identifica a proveniência? São sugestões para estudos futuros que ficaram por responder aqui.

As sugestões que deixo para estudos futuros é que se analisem as notícias originais da Lusa e se comparem às notícias sem assinatura que os portugueses difundem, de forma a saber se aquelas notícias sem assinatura têm ou não proveniência da agência. A análise entre as assinaturas e o tipo de fontes utilizadas também precisa de ser confrontada de forma a perceber se se trata de informação produzida pelos jornalistas ou enviada por fontes ativas.

## Capítulo 7. Bibliografia

-**Agência Lusa** - Disponível em: <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=servicopublico> / <http://www.lusa.pt/info.aspx?page=estrategia>

### Links adicionais da Lusa:

**Texto:** [http://www.lusa.pt/products.aspx?page=product\\_textosub&prd=1](http://www.lusa.pt/products.aspx?page=product_textosub&prd=1)

**Vídeo:** [http://www.lusa.pt/products.aspx?page=product\\_video&prd=2](http://www.lusa.pt/products.aspx?page=product_video&prd=2)

**Fotografia:** [http://www.lusa.pt/products.aspx?page=product\\_photo&prd=3](http://www.lusa.pt/products.aspx?page=product_photo&prd=3)

**Áudio:** [http://www.lusa.pt/products.aspx?page=product\\_details&prd=7](http://www.lusa.pt/products.aspx?page=product_details&prd=7)

- **Aguiar, M. (2008)** - Jornalismo online: evolução e desafios. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9501>.
- **Bastos, H. (2000)** - Jornalismo electrónico – Internet e reconfiguração de práticas nas redacções
- **Bastos, H. (2010)** - Origens e evolução do ciberjornalismo em Portugal. Os primeiros quinze anos (1995-2010)
- **Barros, Meghanne Léa Pinto (2015)** - Estudo de caso do programa Flash! Vidas: informação ou entretenimento? Disponível em: [http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/5686/1/relat%C3%B3rio\\_de\\_estudo\\_C3%A1gio\\_meghanne\\_barros.pdf](http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/5686/1/relat%C3%B3rio_de_estudo_C3%A1gio_meghanne_barros.pdf)
- **Bianco, N. D. (2004)** - A Internet como fator de mudança no jornalismo. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internetmudanca-jornalismo.pdf>
- **Bianco, N. R. (2005)** - Noticiabilidade no rádio em tempos de Internet. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-noticiabilidade-radio-tempos-internet.pdf>
- **Borges, I. d. (2008)** - A Presença da Mídia das Fontes Agência Senado em Notícias da Folha Online e de o Globo Online. Consultado em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/1793>
- **Boyd-Barrett, O. (2012)** - As agências nacionais de notícias na turbulenta era da Internet
- **Código Deontológico do Jornalista (1993)** - (Consultado em 15-05-2016)
- **Fernando Correia (2003)** - O jornalismo em Portugal. Disponível em: [http://resistir.info/portugal/fcorreia\\_jornalismo.html](http://resistir.info/portugal/fcorreia_jornalismo.html);
- **Fidalgo, J. (2000)** - A questão das fontes nos códigos deontológicos dos jornalistas

- **Gradim, A. (2000)** - Manual de Jornalismo, Livro de Estilo do Urbi et Orbi, Universidade da Beira Interior, Instituto da Comunicação Social
- **Kovach, Bill & Rosentiel, Tom (2004)** – Os Elementos do Jornalismo: O que os profissionais do jornalismo devem saber e o public deve exigir
- **Jerónimo, Pedro, (2013)** - Ciberjornalismo de proximidade: A construção de notícias online na imprensa regional em Portugal. Disponível em: [https://www.academia.edu/7264891/Ciberjornalismo\\_de\\_proximidade\\_A\\_constru%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_not%C3%ADcias\\_online\\_na\\_imprensa\\_regional\\_em\\_Portugal](https://www.academia.edu/7264891/Ciberjornalismo_de_proximidade_A_constru%C3%A7%C3%A3o_de_not%C3%ADcias_online_na_imprensa_regional_em_Portugal)
- **Junior, W. (s/d)** Considerações sobre a relevância da informação jornalísticanos sistemas computacionais conectados em rede. Disponível em: [https://www.academia.edu/1977850/Considera%C3%A7%C3%B5es\\_sobre\\_a\\_relev%C3%A2ncia\\_da\\_informa%C3%A7%C3%A3o\\_jornal%C3%ADstica](https://www.academia.edu/1977850/Considera%C3%A7%C3%B5es_sobre_a_relev%C3%A2ncia_da_informa%C3%A7%C3%A3o_jornal%C3%ADstica)
- **Lamy, Sónia (s/d)**- A importância das fontes de informação na construção do Espaço Público
- **Mencher, Melvin (1991)** - News Reporting and Writing. 5ª. Wm. C. Brown Publishers: Dubuque
- **Moreira, T. E. (2011)** - As agências noticiosas como fonte no jornalismo online generalista: Os casos do Jornal de Notícias, Correio da Manhã, Diário de Notícias, Diário Digital e Portugal Diário. Disponível em: [http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1978/1/DM\\_15642.pdf](http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1978/1/DM_15642.pdf)
- **Nascimento, L. (2008)** - O ethos da empresa e a atividade do jornalista de uma agência de notícias
- **Pinto, M. (2000)** - Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo
- **Praça, Ana (2013)** - As Agências de Notícias e a forma como influenciam o Jornalismo Online Português. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.show\\_file?pi\\_gdoc\\_id=475418](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=475418)
- **Ribeiro, João Salvado (1995)** - Dependência ou Dependências? Disponível em: [http://www.sicad.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD\\_Artigos/Attachments/448/artigo1pdf.pdf](http://www.sicad.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/448/artigo1pdf.pdf)

- **Ribeiro, Vasco (2006)** - Fontes sofisticadas de informação. Disponível em: [http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/13047/2/FontesSofisticadasdeInformao000069327.pdf?origin=publication\\_detail](http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/13047/2/FontesSofisticadasdeInformao000069327.pdf?origin=publication_detail)
- **Salaverría, R. & Negro, S. (2008)** Periodismo Integrado – Convergencia de medios y reorganización de redacciones. Barcelona: Editorial Sol 90.
- **Santos, José António (2007)** – Agências de notícias de Portugal. Lisboa: Lusa
- **Schmitz, A. A. (s/d)** - Classificação das fontes de notícias. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>
- **Schudson, M. (2003)** - The Sociology of News, W.W. Norton & Company: New York 40
- **Silva, S. (2002)** - Contributo para uma história das agências noticiosas portuguesas
- **Sousa, J.P. (1997)** - Fotojornalismo performativo - O serviço de fotonotícia da Agência Lusa de Informação
- **Sousa, J. (2008)** - “Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974”. In <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-do-jornalismo-1974.pdf>, consultado a 18 de abril de 2016
- **Sousa, M. (2015)** - O Diário de Notícias e as potencialidades da internet: análise prática dos conteúdos online (Relatório de Estágio)
- **The News Manual - A professional resource for journalists and the media (Online)** - Capítulo 59: Sources of Information - Disponível em: [http://www.thenewsmanual.net/Manuals%20Volume%203/volume3\\_59.htm](http://www.thenewsmanual.net/Manuals%20Volume%203/volume3_59.htm)
- **Turmo, Fernando & Lassa, José (2008)** – La eficacia de lo sencillo – Introducción a la práctica del periodismo
- **Wolf, M. (1999)** - Teorias da Comunicação Social. Presença, Lisboa, 5ª edição
- **Wolf, M. (2006)** - Teorias da Comunicação - Mass media: contextos e paradigmas Novas tendências. Disponível em [http://www.jornalismoufma.xpg.com.br/arquivos/mauro\\_wolf\\_teorias\\_da\\_comunicacao .pdf](http://www.jornalismoufma.xpg.com.br/arquivos/mauro_wolf_teorias_da_comunicacao .pdf)
- **Zamith, F (2006)** – O (novo) papel das agências noticiosas nacionais na era da comunicação ubíqua – Disponível em: [https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.pub\\_view?pi\\_pub\\_base\\_id=103033](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=103033)

## Capítulo 8. Anexos

### 8.1 Grelhas de análise

#### a) Análise dos jornais em papel



Anexo 1- Tabela dos tipos de assinaturas presentes nos artigos do Correio da Manhã no mês de janeiro e fevereiro

Assinaturas	Nome do(s) jornalista(s)	Nome do OCS	Lusa	Nome do(s) jornalista(s) com Lusa	Com Outro OCS	Jornalista(s) do OCS "com Agência"	Agência estrangeira	Sem assinatura	Páginas (analisadas e totais do jornal)	Total
17/01	34	0	0	0	0	2	0	76	28/51	112
18/01	40	0	0	2	0	2	0	83	30/51	127
19/01	26	0	1	0	0	2	0	72	20/47	101
20/01	34	0	1	0	0	2	0	69	25/47	106
21/01	32	0	0	0	0	2	0	83	24/47	117
22/01	36	0	0	0	0	1	0	62	26/47	99
23/01	26	0	0	0	0	2	0	63	27/55	91
24/01	34	0	0	1	0	1	0	84	27/51	120
25/01	17	0	0	0	0	2	0	48	19/51	67
26/01	26	0	0	0	0	2	0	70	20/47	98
27/01	37	0	0	1	0	2	0	73	26/47	113
28/01	36	0	1	1	0	1	0	76	26/47	115
29/01	41	0	0	1	0	2	0	56	27/47	100
30/01	38	0	0	2	0	2	0	69	25/49	111
31/01	36	0	0	0	0	1	0	65	28/51	102
01/02	47	0	0	3	0	1	0	84	32/51	135
02/02	41	0	0	0	0	2	0	84	24/47	127
03/02	22	0	0	2	0	1	0	98	27/47	123
04/02	26	0	0	1	0	0	0	63	21/47	90
05/02	31	0	0	1	0	2	0	63	24/47	97
06/02	36	0	1	0	0	1	0	55	27/55	93



07/02	39	0	0	0	0	1	0	138	31/51	178
08/02	45	0	1	0	0	2	0	66	28/51	114
09/02	30	0	0	0	0	2	0	73	23/47	105
10/02	26	0	0	0	0	1	0	64	25/47	91
11/02	29	0	1	0	0	2	0	71	26/47	103
12/02	21	0	0	0	0	2	0	70	23/47	93
13/02	22	0	0	0	0	1	0	65	24/55	88
14/02	33	0	0	0	0	1	0	60	25/51	94
15/02	27	0	1	0	0	2	0	62	22/51	92
Total	968	0	7	15	0	47	0	2165	760/1476	3202

Anexo 2- Tabela dos tipos de assinaturas presentes nos artigos no Expresso nos meses de janeiro e fevereiro

Assinaturas	Nome do(s) jornalista(s)	Nome do OCS	Lusa	Nome do(s) jornalista(s) com Lusa	Com Outro OCS	Jornalista(s) do OCS “com Agência”	Agência estrangeira	Sem assinatura	Páginas (analisadas e totais do jornal)	Total
22/01	17	0	0	0	0	0	0	0	23/39	17
30/01	24	0	0	0	0	0	0	5	25/38	29
06/02	15	0	0	0	0	0	0	0	21/39	15
13/02	14	0	0	0	0	0	0	0	16/39	14
20/02	18	0	0	0	0	0	0	2	18/47	20
27/02	28	0	0	0	0	0	0	13	26/40	41
<b>Total</b>	<b>116</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>20</b>	<b>119/242</b>	<b>136</b>

Anexo 3- Tabela dos tipos de assinaturas presentes nos artigos do Público no mês de janeiro e fevereiro

Assinaturas	Nome do(s) jornalista(s)	Nome do OCS	Lusa	Nome do(s) jornalista(s) com Lusa	Com Outro OCS	Jornalista(s) do OCS “com Agência”	Agência estrangeira	Sem assinatura	Páginas (analisadas e totais do jornal)	Total
17/01	22	0	0	0	0	0	0	7	42/63	29
18/01	21	1	1	0	1	0	0	5	26/47	29
19/01	27	0	3	3	0	0	1	6	25/47	40
20/01	33	0	0	1	0	0	0	4	32/47	38
21/01	21	0	0	3	0	0	0	3	25/47	27
22/01	33	0	1	1	0	0	0	6	31/51	41
23/01	24	0	0	2	0	0	0	9	24/55	35
24/01	19	0	0	2	0	0	0	1	28/63	22
25/01	19	0	0	0	0	0	0	0	17/47	19
26/01	23	0	0	0	0	0	1	2	21/47	26
27/01	28	0	2	0	0	2	0	0	28/47	32
28/01	30	0	1	2	0	0	0	12	27/47	45
29/01	29	0	0	2	0	0	0	7	26/51	38
30/01	32	0	2	0	0	0	0	4	32/55	38
31/01	22	0	0	0	1	0	0	0	41/67	23
01/02	23	0	0	1	0	0	0	6	25/47	30
02/02	24	0	0	0	0	0	1	4	28/43	29
03/02	27	0	2	0	0	0	0	10	30/47	39
04/02	31	0	2	0	0	0	0	6	32/47	39
05/02	33	0	1	3	0	0	0	7	30/51	44
06/02	28	0	1	0	0	0	0	7	32/55	36
07/02	16	0	0	1	1	0	0	7	39/63	25
08/02	21	0	0	0	0	0	0	1	25/47	22

09/02	19	0	1	1	0	0	0	7	23/47	28
10/02	29	0	1	2	0	0	0	10	29/47	42
11/02	16	0	2	1	0	0	2	8	21/39	29
12/02	30	0	1	2	0	0	0	12	27/47	45
13/02	29	0	0	0	0	0	1	1	26/55	31
14/02	16	0	0	0	1	0	0	8	35/63	25
15/02	21	0	0	1	0	0	1	6	27/45	29
Total	746	1	21	28	4	2	7	166	854/1524	975



Anexo 4- Tabela dos tipos de assinaturas presentes nos artigos do jornal A bola no mês de janeiro e fevereiro

Assinaturas	Nome do(s) jornalista(s)	Nome do OCS	Lusa	Nome do(s) jornalista(s) com Lusa	Com Outro OCS	Jornalista(s) do OCS "com Agência"	Agência estrangeira	Sem assinatura	Páginas (analisadas e totais do jornal)	Total
17/01	45	0	0	0	0	0	0	50	38/47	95
18/01	32	0	0	0	0	0	0	21	26/47	53
19/01	32	0	0	0	0	0	0	25	32/39	57
20/01	26	0	0	0	0	0	0	21	28/47	47
21/01	17	0	0	0	0	0	0	11	19/39	28
22/01	23	0	0	0	0	0	0	5	26/39	28
23/01	35	0	0	0	0	0	0	10	36/39	45
24/01	37	0	0	0	0	0	0	44	35/47	81
25/01	28	0	0	0	0	0	0	41	28/47	69
26/01	24	0	0	0	0	0	0	25	27/39	49
27/01	23	0	0	0	0	0	0	15	24/39	38
28/01	27	0	0	0	0	0	0	38	29/39	65
29/01	18	0	0	0	0	0	0	15	21/39	33
30/01	17	0	0	0	0	0	0	13	19/39	30
31/01	26	0	0	0	0	0	0	23	28/39	49
01/02	25	0	0	0	0	0	0	6	30/47	31
02/02	28	0	0	0	0	0	0	13	30/39	41
03/02	20	0	0	0	0	0	0	11	22/39	31
04/02	26	0	0	0	0	0	0	33	27/39	59
05/02	28	0	0	0	0	0	0	28	29/39	56
06/02	35	0	0	0	0	0	0	10	36/39	45
07/02	37	0	0	0	0	0	0	44	35/47	81
08/02	28	0	0	0	0	0	0	41	28/47	69
09/02	24	0	0	0	0	0	0	25	27/39	49

10/02	23	0	0	0	0	0	0	15	24/39	38
11/02	27	0	0	0	0	0	0	38	29/39	65
12/02	27	0	0	0	0	0	0	10	32/39	37
13/02	31	0	0	0	0	0	0	36	33/47	67
14/02	37	0	0	0	0	0	0	44	35/47	81
15/02	39	0	0	0	0	0	0	0	21/39	39
Total	845	0	0	0	0	0	0	711	854/1250	1556

# JORNAL DO FUNDÃO

Anexo 5- Tabela dos tipos de assinaturas presentes nos artigos do Jornal do Fundão nos meses de janeiro e fevereiro

Assinaturas	Nome do(s) jornalista(s)	Nome do OCS	Lusa	Nome do(s) jornalista(s) com Lusa	Outro OCS	Jornalista(s) do OCS “com Agência”	Agência estrangeira	Sem assinatura	Páginas (analisadas e totais do jornal)	Total
21/01	17	0	0	0	0	0	0	41	16/35	58
28/01	20	0	0	0	0	0	0	19	21/47	39
04/02	21	0	0	1	0	0	0	51	23/39	73
11/02	15	0	0	0	0	0	0	22	16/31	37
18/02	20	0	0	0	0	0	0	29	20/39	49
25/02	21	0	0	0	0	0	0	61	24/39	82
<b>Total</b>	<b>114</b>	0	0	<b>1</b>	0	0	0	<b>223</b>	<b>120/230</b>	<b>338</b>

Anexo 6- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes em cada uma das editorias do Correio da Manhã no mês de janeiro e fevereiro

Editorias/ Assinaturas	Atualidade	Norte	Portugal	Saúde	Sociedade	Economia	Cidades	Política	Mundo	Desporto	Cultura e espetáculos	Televisão e média	Total de assinaturas	%
Nome do(s) jornalista(s)	101	164	229	14	147	41	47	38	16	101	42	28	968	30.23%
Nome do OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Lusa	0	1	3	0	2	1	0	0	0	0	0	0	7	0.21%
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	2	2	0	2	2	5	2	0	0	0	0	15	0.46%
Outro OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Jornalista(s) do OCS "com Agência"	2	0	0	0	0	0	0	0	45	0	0	0	47	1.46%
Agência estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Sem assinatura	1	187	330	0	446	124	34	117	464	320	73	69	2165	67.61%
Total de artigos	3202													100%
Nº de páginas *	140	57	108	16	118	29	28	32	67	91	47	27	Total de páginas: 760	

\*Número de páginas analisadas em cada editoria



Anexo 7- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes em cada uma das editorias do Público no mês de janeiro e fevereiro

Editorias/ Assinaturas	Destaque	Portugal	Local	Economia	Mundo	Cultura	Ciência	Desporto	Domingo	Total de assinaturas	%
Nome do(s) jornalista(s)	83	165	61	93	79	59	31	89	86	746	76.51%
Nome do OCS	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0.10%
Lusa	0	12	3	1	0	2	0	3	0	21	2.15%
Nome do jornalista(s) com Lusa	1	18	1	4	0	0	0	2	2	28	2.87%
Com Outro OCS	0	1	0	0	0	0	0	0	3	4	0.41%
Jornalista(s) do OCS “com Agência”	0	0	0	0	1	0	0	1	0	2	0.20%
Agência estrangeira	1	0	0	0	2	1	0	3	0	7	0.71%
Sem assinatura	0	41	16	23	16	8	0	39	23	166	17.02%
Total de artigos	975										100%
Nº de páginas	106	187	67	97	60	59	28	79	171	Total de páginas: 854	

# JORNAL do FUNDÃO

Anexo 8- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes em cada uma das editorias do Jornal do Fundão nos meses de janeiro e fevereiro

Editorias/ Assinaturas	Tema de capa	Sociedade	Fundão	Covilhã	Belmonte	Castelo Branco	Grande tema	Regional	Desporto	Total de assinaturas	%
Nome do(s) jornalista(s)	3	25	13	9	6	21	4	20	13	114	33.72%
Nome do OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Lusa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0.29%
Outro OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Nome do(s) jornalista(s) com Agência estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Jornalista(s) do OCS “com Agência” não identificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Agência estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Sem assinatura	6	30	26	52	8	18	0	46	37	223	65.97%
Total de artigos	338										100%
Nº de páginas	0	25	12	8	6	9	8	20	32	Total de páginas: 120	

Anexo 9- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes em cada uma das editorias do Expresso nos meses de janeiro e fevereiro

Editorias/ Assinaturas	Tema atuais	Política	Sociedade	Justiça	Internacional	Saúde	Educação	Ciência	Ambiente	Economia	Desporto	Cultura	Total de assinaturas	%
Nome do(s) jornalista(s)	3	26	14	4	26	9	7	2	0	11	10	4	116	85.3%
Nome do OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Lusa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Com Outro OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Jornalista(s) do OCS “com Agência”	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Agência estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Sem assinatura	0	0	0	0	13	0	0	0	0	0	7	0	20	14.7%
Total de artigos	136													100%
Nº de páginas	6	27	4	4	29	11	7	2	0	14	10	5	Total de páginas: 119	



Anexo 10- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes em cada uma das editoriais do Expresso nos meses de janeiro e fevereiro

Editorias/ Assinaturas	Tema do dia	1ª Liga	SLB	FCP	SCP	Liga Europa	2ª Liga	Taça de Portugal	Internacional	Distritais	Modalidades*	Seleção	Jogos Olímpicos '16	Euro 2016	Atualidade nacional (política, economia, sociedade...)	Total de assinaturas	%
Nome do(s) jornalista(s)	63	187	56	56	45	0	115	54	77	8	147	0	0	1	36	845	54.30%
Nome do OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Lusa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Outro OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Nome do(s) jornalista(s) com Agência estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Jornalista(s) do OCS “com Agência” não identificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Agência estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Sem assinatura	0	60	6	49	46	0	107	5	114	41	89	0	0	0	194	711	45.70%
Total de artigos	1556																100%
Nº de páginas	66	204	77	71	65	0	19	28	93	15	154	0	0	2	60	Total de páginas: 854	

\*Modalidades nas quais não esteja inserido o futebol, tais como andebol, futsal, desportos motores, hóquei, basquetebol, atletismo, ciclismo, ténis, ténis de mesa, golfe, natação, ginástica, entre outros.

Tabelas elaboradas à semelhança das utilizadas por Vasco Ribeiro no livro “Fontes sofisticadas de informação”;

Anexo 11 - Tabela correspondente ao tipo de fontes utilizadas nos artigos assinados pelo OCS e/ou pelo OCS com Lusa ao longo dos meses de janeiro e fevereiro nos jornais Correio da Manhã, Público e A Bola e nos jornais Expresso e Jornal do Fundão

Jornais/ Fontes no texto	Correio da Manhã	Expresso	Público	A Bola	Jornal do Fundão
Políticos	9	10	63	0	18
Ex governantes	0	0	2	0	0
Governo	25	6	51	0	8
Poder local	23	2	26	1	16
Poder judicial	10	14	1	0	0
Força militar/policial	14	0	2	0	0
Presidente da República	0	2	2	2	0
Primeiro Ministro	2	3	7	1	0
Comissão Europeia	0	2	3	0	1
População	87	2	52	11	3
Saúde	21	9	26		0
Educação	24	5	3	0	0
Proteção Civil	8	0	1	0	0
INEM	1	0	0		0
Sindicatos, Ordens e Comissões	2	1	0	0	2
Organismos e sistemas públicos	0	1	12	0	0
Meio artístico e cultural/Arquitetos e designers	9	3	134	1	2
Turismo	0	0	1	0	0
Mobilidade e transportes	0	0	1	0	0
Desporto	41	5	31	333	3
Jornalistas/ex jornalistas	0	1	5	1	0
Associações	16	1	7	0	4

Instituições/organizações particulares	3	2	13	0	3
Investigadores	1	1	6	0	0
Empresas	16	3	39	2	11
Universidades	1	0	2		1
Professores	3	3	7	0	1
Ciência	0	3	9	0	0
Finanças e Banca	3	2	9	1	0
Religião/Igrejas	4	0	0	0	0
Livros	0	0	1	0	0
Política Internacional	3	6	24	0	0
Outro OCS	3	1	115	8	0
Não identificada	13	2	7	3	0
Lusa	1	0	4	0	0
Sem fonte	2896	54	456	1192	274
Fonte anónima	0	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>330</b>	<b>144</b>	<b>636</b>	<b>363</b>	<b>73</b>

Anexo 12 - Tabela correspondente ao meio onde atuam as fontes utilizadas nos artigos assinados pelo OCS e/ou pelo OCS com Lusa ao longo do meses de janeiro e fevereiro nos jornais Correio da Manhã, Público e A Bola e nos jornais Expresso e Jornal do Fundão

Jornais/ Meios onde atuam	Correio da Manhã	Expresso	Público	A Bola	Jornal do Fundão
Comunicados e Press Releases	2	1	16	4	10
Conferências de imprensa	5	0	4	73	0
Relatórios e Estudos	1	1	13	0	0
Documentos	17	1	22	2	0
Dados	1	1	11	0	1
Livros	0	0	2	0	0
Redes sociais	1	0	1	2	0
Questionários	0	0	0	0	0
Contato direto	237	68	275	230	26
Manifestações	0	0	0	0	0
Sites oficiais	0	0	0	1	0
Internet	0	0	0	1	0
Publicado em Diário da República	0	0	0	0	0
Almoços e jantares	1	0	2	0	0
Declarações públicas	3	5	29	18	4
Congressos	0	0	1	0	0
Inaugurações	0	0	0	0	0
Campanhas presidenciais	0	0	5	0	0
Assembleias	1	3	40	0	3
Lusa	2	0	28	2	1
Agências Internacionais	0	0	2	0	0
Reuniões e audiências	4	1	3	0	2

Outro OCS	3	1	27	9	0
Não identificado*	47	2	60	23	13
<b>Total**</b>	<b>280</b>	<b>84</b>	<b>481</b>	<b>348</b>	<b>57</b>

\*Quando existe um tipo de fonte citado sem estar explícito como foram conseguidas as informações

\*\*Exclui-se aqui as fontes cujo meio não foi identificado



Anexo 13 - Tabela correspondente ao tipo de fontes utilizadas nos artigos assinados pela Lusa ao longo dos meses de janeiro e fevereiro nos jornais Correio da Manhã, Público e A Bola e nos jornais Expresso e Jornal do Fundão

Jornais/ Fontes no texto	Correio da Manhã	Expresso	Público	A Bola	Jornal do Fundão
Políticos	0	0	0	0	0
Ex governantes	0	0	0	0	0
Governo	0	0	5	0	0
Poder local	0	0	0	0	0
Poder judicial	0	0	0	0	0
Força militar/policial	0	0	0	0	0
Presidente da República	0	0	0	0	0
População	0	0	1	0	0
Saúde	0	0	0	0	0
Educação	0	0	0	0	0
Proteção Civil	0	0	0	0	0
Sindicatos e Ordens	0	0	0	0	0
Organismos e sistemas públicos	0	0	0	0	0
Meio artístico e cultural	0	0	1	0	0
Mobilidade e transportes	0	0	0	0	0
Desporto	0	0	2	0	0
Departamentos de comunicação	0	0	0	0	0
Associações	0	0	0	0	0
Instituições/organizações particulares de solidariedade	0	0	0	0	0
Empresas	0	0	1	0	0
Universidades	0	0	0	0	0
Professores	0	0	0	0	0
Cientistas	0	0	0	0	0
Finanças e Banca	0	0	0	0	0
Religião/Igrejas	0	0	0	0	0

Governantes internacionais	0	0	0	0	0
Outro OCS	0	0	0	0	0
Não identificada	0	0	0	0	0
Sem fonte	7	0	10	0	0
Fonte anónima	0	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>10</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

Anexo 14 - Tabela correspondente aos meios onde atuam as fontes utilizadas nos artigos assinados pela Lusa ao longo dos meses de janeiro e fevereiro nos jornais Correio da Manhã, Público e A Bola e nos jornais Expresso e Jornal do Fundão

<b>Jornais/ Meios onde atuam</b>	<b>Correio da Manhã</b>	<b>Expresso</b>	<b>Público</b>	<b>A Bola</b>	<b>Jornal do Fundão</b>
Comunicados e Press Releases	0	0	0	0	0
Conferências de imprensa	0	0	1	0	0
Relatórios e Estudos	0	0	0	0	0
Documentos	0	0	0	0	0
Questionários	0	0	0	0	0
Contato direto	0	0	6	0	0
Manifestações	0	0	0	0	0
Redes sociais	0	0	0	0	0
Internet	0	0	1	0	0
Publicado em Diário da República	0	0	0	0	0
Almoços e jantares	0	0	0	0	0
Declarações públicas	0	0	0	0	0
Dados do Tribunal Institucional	0	0	0	0	0
Congressos	0	0	0	0	0
Inaugurações	0	0	0	0	0
Assembleias	0	0	1	0	0
Reuniões e audiências	0	0	1	0	0
Não identificado	0	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>10</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

Anexo 15- Tabela correspondente à assinatura dos artigos que fizeram parte das Manchetes nos meses de janeiro e fevereiro e dos jornais Correio da Manhã, Público, A Bola, Expresso e Jornal do Fundão

Jornais/ Assinaturas da Manchete	Correio da Manhã	Público	A bola	Expresso	Jornal do Fundão
Nome do(s) jornalista(s)	30	30	30	6	6
Nome do OCS	0	0	0	0	0
Lusa	0	0	0	0	0
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0	0
Outro OCS	0	0	0	0	0
Nome do(s) jornalista(s) com Agência estrangeira	0	0	0	0	0
Jornalista(s) do OCS “com Agência” não identificada	0	0	0	0	0
Agência estrangeira	0	0	0	0	0
Sem assinatura	0	0	0	0	0

Anexo 16- Tabela correspondente às fontes utilizadas nos artigos que fizeram parte das Manchetes dos jornais Correio da Manhã, Público e A Bola no mês de janeiro e dos jornais Expresso e Jornal do Fundão em janeiro e fevereiro

Jornais/ Fontes no texto	Correio da Manhã	Expresso	Público	A Bola	Jornal do Fundão
Políticos	0	0	3	0	1
Ex governantes	0	0	0	0	0
Governo	0	2	4	0	0
Poder local	0	0	0	0	1
Poder judicial	1	0	1	0	0
Força militar/policial	0	0	0	0	0
Presidente da República	0	0	0	0	0
Primeiro Ministro	0	2	3	0	0
População	3	0	6	1	2
Saúde	1	0	1	0	0
Educação	0	0	1	0	0
Proteção Civil	0	0	0	0	0
Sindicatos e Ordens	0	0	0	0	0
Organismos e sistemas públicos	0	0	0	0	0
Meio artístico e cultural	0	0	3	1	0
Mobilidade e transportes	0	0	0	0	0
Desporto	0	0	0	4	0
Departamentos de comunicação	0	0	0	0	0
Associações	0	0	1	0	0
Instituições/organizações particulares de solidariedade	0	0	1	0	0
Investigadores	0	0	2	0	0
Empresas	1	0	4	0	0
Universidades	0	0	0	0	0
Professores	0	0	1	0	0
Cientistas	0	0	0	0	0

Finanças e Banca	0	0	2	0	0
Religião/Igrejas	1	0	0	0	0
Governantes internacionais	0	0	0	0	0
Outro OCS	0	0	6	1	0
Não identificada	2	0	0	0	0
Sem fonte	21	2	5	23	2
Fonte anónima	0	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>39</b>	<b>4</b>	<b>4</b>

Anexo 17- Tabela correspondente aos meios onde atuam as fontes dos artigos que fizeram parte das Manchetes nos meses de janeiro e fevereiro e dos jornais Correio da Manhã, Público, A Bola, Expresso e Jornal do Fundão

Jornais/ Meios onde atuam	Correio da Manhã	Expresso	Público	A Bola	Jornal do Fundão
Comunicados e Press Releases	0	0	1	0	1
Conferências de imprensa	0	0	0	1	0
Relatórios e Estudos	0	0	0	0	0
Documentos	3	0	7	0	0
Questionários	0	0	0	0	0
Contato direto	5	3	27	5	2
Manifestações	0	0	0	0	0
Redes sociais	0	0	0	0	0
Internet	0	0	0	0	0
Publicado em Diário da República	0	0	0	0	0
Almoços e jantares	0	0	1	0	0
Declarações públicas	0	0	1	1	0
Dados do Tribunal Institucional	0	0	0	0	0
Congressos	0	0	0	0	0
Inaugurações	0	0	0	0	0
Assembleias	0	1	3	0	0
Reuniões e audiências	0	0	0	0	0
Não identificado	0	0	0	0	1
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>40</b>	<b>7</b>	<b>3</b>

Anexo 18- Tabela correspondente aos géneros jornalísticos dos artigos presentes no jornal Correio da Manhã nos meses de janeiro e fevereiro



Géneros/ Assinaturas	Entrevista	Notícia	Reportagem	Breve
Nome do(s) jornalista(s)	2	604	7	355
Nome do OCS	0	0	0	0
Lusa	0	0	0	7
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	5	0	10
Com Outro OCS	0	0	0	
Jornalista(s) do OCS “com Agência”	0	27	0	20
Agência estrangeira	0	0	0	0
Sem assinatura	0	58	0	2107
<b>Total</b>	<b>3202</b>			



Anexo 19- Tabela correspondente aos géneros jornalísticos dos artigos presentes no jornal Expresso dos meses de janeiro e fevereiro



<b>Géneros/ Assinaturas</b>	Entrevista	Notícia	Reportagem	Breve
Nome do(s) jornalista(s)	14	87	15	0
Nome do OCS	0	0	0	0
Lusa	0	0	0	0
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0
Outro OCS	0	0	0	0
Nome do(s) jornalista(s) com Agência estrangeira	0	0	0	0
Jornalista(s) do OCS "com Agência" não identificada	0	0	0	0
Agência estrangeira	0	0	0	0
Sem assinatura	0	1	0	19
<b>Total</b>	<b>136</b>			

Anexo 20 - Tabela correspondente aos géneros jornalísticos dos artigos presentes no jornal Público nos meses de janeiro e fevereiro



<b>Géneros/ Assinaturas</b>	Entrevista	Notícia	Reportagem	Breve
Nome do(s) jornalista(s)	16	600	61	69
Nome do OCS	0	1	0	0
Lusa	0	10	0	11
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	20	0	8
Com Outro OCS	0	0	3	1
Jornalista(s) do OCS “com Agência”	0	2	0	0
Agência estrangeira	0	6	1	0
Sem assinatura	0	22	1	143
<b>Total</b>	<b>975</b>			

Anexo 21 - Tabela correspondente aos géneros jornalísticos dos artigos presentes no jornal A Bola nos meses de janeiro e fevereiro



Géneros/ Assinaturas	Entrevista	Notícia	Reportagem	Breve
Nome do(s) jornalista(s)	15	726	6	98
Nome do OCS	0	0	0	0
Lusa	0	0	0	0
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0
Com Outro OCS	0	0	0	0
Jornalista(s) do OCS “com Agência”	0	0	0	0
Agência estrangeira	0	0	0	0
Sem assinatura	0	41	0	670
<b>Total</b>	<b>1556</b>			

Anexo 22 - Tabela correspondente aos géneros jornalísticos dos artigos presentes no Jornal do Fundão nos meses de janeiro e fevereiro

## JORNAL<sup>do</sup>FUNDAO

Géneros/ Assinaturas	Entrevista	Notícia	Reportagem	Breve
Nome do(s) jornalista(s)	0	111	1	2
Nome do OCS	0	0	0	0
Lusa	0	0	0	0
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	1	0	0
Outro OCS	0	0	0	0
Jornalista(s) do OCS “com Agência”	0	0	0	0
Agência estrangeira	0	0	0	0
Sem assinatura	0	9	0	214
<b>Total</b>	<b>338</b>			

**b) Análise dos jornais online**



Anexo 23- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes nos destaques da página inicial do *site* do Correio da Manhã durante os meses de janeiro e fevereiro

Assinaturas	Nome do(s) jornalista(s)	Nome do OCS	Lusa	Nome do(s) jornalista(s) com Lusa	Com Outro OCS	Jornalista(s) do OCS “com Agência”	Agência estrangeira	Sem assinatura	Total
17/01	4	0	1	0	0	0	0	0	5
18/01	3	0	1	0	0	0	0	1	5
19/01	1	0	1	0	0	0	0	3	5
20/01	2	0	1	0	0	0	0	2	5
21/01	1	0	0	0	0	0	0	4	5
22/01	2	0	2	0	0	0	0	1	5
23/01	4	0	0	0	0	0	0	1	5
24/01	3	0	1	0	0	0	0	1	5
25/01	2	0	2	0	0	0	0	1	5
26/01	1	0	0	0	0	0	0	4	5
27/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
28/01	3	0	1	0	0	0	0	1	5
29/01	3	0	0	0	0	0	0	2	5
30/01	2	0	0	0	0	0	0	3	5
31/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
01/02	2	0	1	0	0	0	0	2	5
02/02	2	0	1	0	0	0	0	2	5
03/02	2	0	0	0	0	0	0	3	5
04/02	2	0	1	0	0	0	0	2	5
05/02	2	0	0	0	0	0	0	3	5
06/02	3	0	1	0	0	0	0	1	5
07/02	3	0	2	0	0	0	0	0	5

08/02	2	0	0	0	0	0	0	3	5
09/02	3	0	0	0	0	0	0	2	5
10/02	1	0	0	0	0	0	0	4	5
11/02	2	0	2	0	0	0	0	1	5
12/02	2	0	1	0	0	0	0	2	5
13/02	4	0	0	0	0	0	0	1	5
14/02	3	0	0	0	0	0	0	2	5
15/02	2	0	0	0	0	0	0	3	5
Total	76	0	19	0	0	0	0	55	150

Anexo 24- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes nos destaques da página inicial do *site* do Expresso durante os meses de janeiro e fevereiro

Assinaturas	Nome do(s) jornalista(s)	Nome do OCS	Lusa	Nome do(s) jornalista(s) com Lusa	Com Outro OCS	Jornalista(s) do OCS “com Agência”	Agência estrangeira	Sem assinatura	Total
23/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
30/01	3	0	2	0	0	0	0	0	5
06/02	4	0	0	0	0	0	0	1	5
13/02	2	0	0	0	0	0	0	3	5
20/02	4	0	1	0	0	0	0	0	5
27/02	3	0	2	0	0	0	0	0	5
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>30</b>

Anexo 25- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes nos destaques da página inicial do *site* do Público durante os meses de janeiro e fevereiro

Assinaturas	Nome do(s) jornalista(s)	Nome do OCS	Lusa	Nome do(s) jornalista(s) com Lusa	Com Outro OCS	Jornalista(s) do OCS “com Agência”	Agência estrangeira	Sem assinatura	Total
17/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
18/01/	3	1	1	0	0	0	0	0	5
19/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
20/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
21/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
22/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
23/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
24/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
25/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
26/01	2	3	0	0	0	0	0	0	5
27/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
28/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
29/01	2	1	2	0	0	0	0	0	5
30/01	4	0	1	0	0	0	0	0	5
31/01	5	0	0	0	0	0	0	0	5
01/02	5	0	0	0	0	0	0	0	5
02/02	3	2	0	0	0	0	0	0	5
03/02	4	1	0	0	0	0	0	0	5
04/02	5	0	0	0	0	0	0	0	5
05/02	4	0	0	0	0	0	0	1	5
06/02	4	1	0	0	0	0	0	0	5
07/02	4	1	0	0	0	0	0	0	5
08/02	4	0	1	0	0	0	0	0	5



09/02	5	0	0	0	0	0	0	0	5
10/02	5	0	0	0	0	0	0	0	5
11/02	3	1	1	0	0	0	0	0	5
12/02	5	0	0	0	0	0	0	0	5
13/02	3	0	0	0	0	0	0	2	5
14/02	4	1	0	0	0	0	0	0	5
15/02	5	0	0	0	0	0	0	0	5
Total	129	12	6	0	0	0	0	3	150



Anexo 26- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes nos destaques da página inicial do *site* do jornal A Bola durante os meses de janeiro e fevereiro

Assinaturas	Nome do(s) jornalista(s)	Nome do OCS	Lusa	Nome do(s) jornalista(s) com Lusa	Com Outro OCS	Jornalista(s) do OCS "com Agência"	Agência estrangeira	Sem assinatura	"Redação"	Total
17/01	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
18/01/	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
19/01	1	0	0	0	0	0	0	0	4	5
20/01	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
21/01	1	0	0	0	0	0	0	0	4	5
22/01	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
23/01	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
24/01	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
25/01	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
26/01	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
27/01	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
28/01	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
29/01	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
30/01	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
31/01	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
01/02	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
02/02	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
03/02	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
04/02	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
05/02	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
06/02	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
07/02	1	0	0	0	0	0	0	0	4	5
08/02	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5

09/02	1	0	0	0	0	0	0	0	4	5
10/02	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
11/02	1	0	0	0	0	0	0	0	4	5
12/02	1	0	0	0	0	0	0	0	4	5
13/02	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
14/02	0	0	0	0	0	0	0	0	5	5
15/02	1	0	0	0	0	0	0	0	4	5
Total	7	0	0	0	0	0	0	0	143	150

Anexo 27- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes nos destaques da página inicial do *site* do Jornal do Fundão durante os meses de janeiro e fevereiro

Assinaturas	Nome do(s) jornalista(s)	Nome do OCS	Lusa	Nome do(s) jornalista(s) com Lusa	Com Outro OCS	Nome do(s) jornalista(s) com Agência estrangeira	Jornalista(s) do OCS “com Agência” não identificada	Agência estrangeira	Sem assinatura	Total
21/01	5	0	0	0	0	0	0	0	0	5
28/01	3	0	0	0	0	0	0	0	2	5
04/02	5	0	0	0	0	0	0	0	0	5
11/02	4	0	0	0	0	0	0	0	1	5
18/02	5	0	0	0	0	0	0	0	0	5
25/02	4	0	0	0	0	0	0	0	1	5
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>30</b>

Anexo 28- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes em cada uma das editorias do *site* do Correio da Manhã nos meses de janeiro e fevereiro

Editorias/ Assinaturas	CM ao minuto	Exclusivos	Portugal	Tempo	Sociedade	Economia	Política	Mundo	Insólitos	Futebol	Modalidades	Tv & Media	Cultura	Tecnologia	Domingo	Total assinaturas
Nome do(s) jornalista(s)	2	1	33	0	4	5	2	10	0	16	0	2	1	0	0	70
Nome do OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lusa	7	2	3		1	0	0	5	0	1	0	0	0	0	0	19
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Com Outro OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Jornalista(s) do OCS “com Agência”	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Agência estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Sem assinatura	5	0	28	0	4	2	0	12	0	0	1	2	1	0	0	53
Total de artigos	150															150

Anexo 29- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes em cada uma das editorias do *site* do Público nos meses de janeiro e fevereiro

Editorias/ Assinaturas	Portugal	Economia	Mundo	Cultura- Ípsilon	Desporto	Ciência	Tecnologia	Desporto	Multimédia	Presidenciais 2016	Total de assinaturas	%
Nome do(s) jornalista(s)	46	41	20	10	2	2	1	0	2	5	129	86%
Nome do OCS	1	1	4	1	4	1	0	0	0	0	12	8%
Lusa	1	1	0	1	2	1	0	0	0	0	6	4%
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Com Outro OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Jornalista(s) do OCS “com Agência”	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Agência estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Sem assinatura	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	3	2%
<b>Total de artigos</b>	<b>150</b>										<b>150</b>	<b>100%</b>

Anexo 30- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes em cada uma das editorias do *site* do Jornal do Fundão nos meses de janeiro e fevereiro

Editorias/ Assinaturas	Sociedade	Polícia	Política	Saúde	Desporto	Cultura	Especiais JF	Galeria	Num só clique	Fundão	Covilhã	Belmonte	Castelo Branco	Total de assinaturas	%
Nome do(s) jornalista(s)	12	0	3	2	0	0	0	0	0	4	5	0	0	26	86.7%
Nome do OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Lusa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Outro OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Nome do(s) jornalista(s) com Agência estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Jornalista(s) do OCS “com Agência” não identificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Agência estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Sem assinatura	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	4	13.3%
<b>Total de artigos</b>	<b>30</b>													<b>30</b>	<b>100%</b>

Anexo 31- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes em cada uma das editorias do *site* do Expresso nos meses de janeiro e fevereiro

Editorias/ Assinaturas	Últimas	Política	Sociedade	Internacional	Economia	Desporto	Cultura	Total de assinaturas	%
Nome do(s) jornalista(s)	0	4	5	2	9	0	1	21	70%
Nome do OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Lusa	0	3	2	0	3	0	0	8	26.7%
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Com Outro OCS	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Jornalista(s) do OCS “com Agência”	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Agência estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
Sem assinatura	0	0	1	0	0	0	0	1	3.3%
<b>Total de artigos</b>	<b>30</b>							<b>30</b>	<b>100%</b>





Anexo 32- Tabela correspondente aos tipos de assinaturas presentes em cada uma das editorias do Expresso nos meses de janeiro e fevereiro

Editorias/ Assinaturas	Nacional	Internacional	Modalidades	Motores	Seleção	Euro 2016	Total de assinaturas	%
Nome do(s) jornalista(s)	6	1	0	0	0	0	7	23.3%
Nome do OCS	0	0	0	0	0	0	0	0%
Lusa	0	0	0	0	0	0	0	0%
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0	0	0	0	0%
Outro OCS	0	0	0	0	0	0	0	0%
Nome do(s) jornalista(s) com Agência estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	0%
Jornalista(s) do OCS “com Agência” não identificada	0	0	0	0	0	0	0	0%
Agência estrangeira	0	0	0	0	0	0	0	0%
Sem assinatura	0	0	0	0	0	0	0	0%
“Redação”	75	53	15	0	0	0	143	95.3%
<b>Total de artigos</b>	<b>150</b>							

Tabelas elaboradas à semelhança das utilizadas por Vasco Ribeiro no livro “Fontes sofisticadas de informação”;

Anexo 33 - Tabela correspondente ao tipo de fontes utilizadas nos artigos assinados pelo OCS e/ou pelo OCS com Lusa ao longo dos meses de janeiro e fevereiro nos *sites* dos jornais Correio da Manhã, Público E A Bola e nos *sites* dos jornais Expresso e Jornal do Fundão

Jornais/ Fontes no texto	Correio da Manhã	Expresso	Público	A Bola	Jornal do Fundão
Políticos	2	2	12	0	0
Ex governantes	0	0	0	0	0
Governo	1	2	6	0	0
Comissão Europeia			2		
Poder local	0	0	2	0	4
Poder judicial	2	1	2	0	0
Força militar/policial	4	0	1	0	1
Bombeiros	1	0	0	0	0
Presidente da República	0	0	0	0	0
Primeiro Ministro	0	0	3	0	0
População	12	0	9	0	5
Saúde	5	0	2	0	0
Educação	0	0	1	0	0
Sociólogos	0	1	0		0
Proteção Civil	2	0	0	0	0
INEM	2	0	0	0	0
Sindicatos e Ordens	0	0	2	0	1
Organismos e sistemas públicos	1	0	1	0	0
Meio artístico e cultural	1	0	5	0	0
Mobilidade e transportes	0	0	0	0	0
Desporto	4	0	0	15	13
Departamentos de comunicação	1	0	0	0	0
Associações	0	1	0	0	1
Instituições/organizações particulares	0	1	2	1	0

Empresas	0	4	2	0	2
Universidades	0	0	1	0	0
Professores	0	0	1	0	0
Cientistas	0	0	3	0	0
Finanças e Banca	1	0	4	0	0
Religião/Igrejas		0	1	0	0
Governantes internacionais	0	0	3	0	0
Outro OCS	5	1	10	14	22
Lusa	4	0	3	0	1
IPMA	1	0	0	0	0
Agências Internacionais	1	0	1	0	0
Não identificada	4	3	2	0	0
Sem fonte	76	9	54	46	15
Fonte anónima	0	0	0	0	0
<b>Total de fontes*</b>	<b>49</b>	<b>11</b>	<b>82</b>	<b>30</b>	<b>50</b>

\*Excluem-se aqui as variáveis “Sem fonte”, “Não identificada” e “Fonte anónima”

Anexo 34 - Tabela correspondente ao meio onde atuam as fontes utilizadas nos artigos assinados pelo OCS e/ou pelo OCS com Lusa ao longo dos meses de janeiro e fevereiro nos *sites* dos jornais Correio da Manhã, Público E A Bola e nos *sites* dos jornais Expresso e Jornal do Fundão

Jornais/ Meios onde atuam	Correio da Manhã	Expresso	Público	A Bola	Jornal do Fundão
Comunicados e Press Releases	2	0	2	0	0
Conferências de imprensa	0	0	1	4	0
Relatórios e Estudos	2	2	4	0	0
Documentos	4	1	3	0	0
Redes sociais	3	0	1	8	0
Questionários	0	0	0	0	0
Contato direto	23	10	41	10	12
Manifestações	0	0	0	0	0
Sites oficiais	1	0	1	2	0
Internet	0	0	0	0	0
Publicado em Diário da República	0	0	1	0	0
Almoços e jantares	0	0	0	0	0
Declarações públicas	2	1	12	0	0
Dados do Tribunal Institucional	0	0	0	0	0
Congressos	0	0	0	0	0
Inaugurações	0	0	0	0	0
Campanhas presidenciais	0	0	0	0	0
Reuniões e audiências	0	0	2	1	1
Assembleias	0	0	1	0	0
Não identificado*	5	0	3	5	0

<b>Total**</b>	<b>37</b>	<b>13</b>	<b>69</b>	<b>25</b>	<b>13</b>
----------------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

\*Quando existe um tipo de fonte citado sem estar explícito como foram conseguidas as informações

\*\*Exclui-se aqui a variável “Não identificado”

Anexo 35 - Tabela correspondente ao tipo de fontes utilizadas nos artigos assinados pela Lusa ao longo dos meses de janeiro e fevereiro nos *sites* dos jornais Correio da Manhã, Público E A Bola e nos *sites* dos jornais Expresso e Jornal do Fundão

Jornais/ Fontes no texto	Correio da Manhã	Expresso	Público	A Bola	Jornal do Fundão
Políticos	1	2	0	0	0
Ex governantes	0	1	0	0	0
Governo	0	0	0	0	0
Poder local	0	1	0	0	0
Poder judicial	0	0	0	0	0
Força militar/policial	0	0	0	0	0
Comissão Europeia	1	0	0	0	0
Presidente da República	0	0	0	0	0
Primeiro Ministro	1	0	0	0	0
População	1	0	0	0	0
Saúde	0	0	2	0	0
Educação	0	0	0	0	0
Proteção Civil	0	1	0	0	0
Bombeiros	1	0	0	0	0
Sindicatos e Ordens	0	0	0	0	0
Organismos e sistemas públicos	0	0	0	0	0
Meio artístico e cultural	0	0	1	0	0
Mobilidade e transportes	0	0	0	0	0
Desporto	0	0	1	0	0
Departamentos de comunicação	0	0	0	0	0
Associações	0	0	0	0	0
Instituições/organizações particulares de solidariedade	0	0	0	0	0
Empresas	0	1	0	0	0

Universidades	0	0	0	0	0
Professores	0	0	0	0	0
Cientistas	2	0	0	0	0
Finanças e Banca	0	0	0	0	0
Religião/Igrejas	0	0	0	0	0
Governantes internacionais	0	0	0	0	0
Agências Internacionais	1	0	0	0	0
Outro OCS	1	0	1	0	0
Não identificada	0	0	0	0	0
Sem fonte	10	1	2	0	0
Fonte anónima	0	0	0	0	0
<b>Total*</b>	<b>14</b>	<b>5</b>	<b>7</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

\*Excluem-se aqui as variáveis “Sem fonte”, “Não identificada” e “Fonte anónima”

Anexo 36 - Tabela correspondente aos meios onde atuam as fontes utilizadas nos artigos assinados pela Lusa ao longo dos meses de janeiro e fevereiro nos *sites* dos jornais Correio da Manhã, Público E A Bola e nos *sites* dos jornais Expresso e Jornal do Fundão

Jornais/ Meios onde atuam	Correio da Manhã	Expresso	Público	A Bola	Jornal do Fundão
Comunicados e Press Releases	0	0	0	0	0
Conferências de imprensa	0	0	0	0	0
Relatórios e Estudos	0	2	0	0	0
Documentos	0	0	0	0	0
Questionários	0	0	0	0	0
Contato direto	3	1	0	0	0
Manifestações	0	0	0	0	0
Redes sociais	0	0	0	0	0
Sites oficiais	0	0	1	0	0
Internet	0	0	0	0	0
Publicado em Diário da República	0	0	0	0	0
Decretos-Lei	0	1	0	0	0
Almoços e jantares	0	1	0	0	0
Declarações públicas	0	1	2	0	0
Dados do Tribunal Institucional	0	0	0	0	0
Congressos	0	0	0	0	0
Inaugurações	0	0	0	0	0
Reuniões e audiências	0	1	0	0	0



Não identificado*	1	1	1	0	0
<b>Total**</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

\*Quando existe um tipo de fonte citado sem estar explícito como foram conseguidas as informações

\*\*Exclui-se aqui a variável “Não identificado”

Anexo 37- Tabela correspondente aos géneros jornalísticos dos artigos presentes no *site* do jornal Correio da Manhã nos meses de janeiro e fevereiro



<b>Géneros/</b>	<b>Entrevista</b>	<b>Notícia</b>	<b>Reportagem</b>	<b>Breve</b>
<b>Assinaturas</b>				
Nome do(s) jornalista(s)	0	69	2	9
Nome do OCS	0	0	0	0
Lusa	0	13	2	4
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0
Com Outro OCS	0	0	0	0
Jornalista(s) do OCS “com Agência”	0	0	0	0
Agência estrangeira	0	0	0	0
Sem assinatura	0	25	0	26
<b>Total</b>	<b>150</b>			

Anexo 38- Tabela correspondente aos géneros jornalísticos dos artigos presentes no *site* do jornal Expresso dos meses de janeiro e fevereiro



Géneros/ Assinaturas	Entrevista	Notícia	Reportagem	Breve
Nome do(s) jornalista(s)	0	23	1	0
Nome do OCS	0	0	0	0
Lusa	0	5	0	0
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0
Outro OCS	0	0	0	0
Nome do(s) jornalista(s) com Agência estrangeira	0	0	0	0
Jornalista(s) do OCS “com Agência” não identificada	0	0	0	0
Agência estrangeira	0	0	0	0
Sem assinatura	0	1	0	0
<b>Total</b>	<b>30</b>			

Anexo 39 - Tabela correspondente aos géneros jornalísticos dos artigos presentes no *site* do jornal Público nos meses de janeiro e fevereiro



Géneros/ Assinaturas	Entrevista	Notícia	Reportagem	Breve
Nome do(s) jornalista(s)	3	103	24	0
Nome do OCS	0	12	0	1
Lusa	0	6	0	0
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0
Com Outro OCS	0	0	0	0
Jornalista(s) do OCS “com Agência”	0	0	0	0
Agência estrangeira	0	0	0	0
Sem assinatura	0	0	1	0
<b>Total</b>	<b>150</b>			

Anexo 40 - Tabela correspondente aos géneros jornalísticos dos artigos presentes no *site* do jornal A Bola nos meses de janeiro e fevereiro



Géneros/ Assinaturas	Entrevista	Notícia	Reportagem	Breve
Nome do(s) jornalista(s)	0	3	0	4
Nome do OCS	0	0	0	0
Lusa	0	0	0	0
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0
Outro OCS	0	0	0	0
Jornalista(s) do OCS “com Agência”	0	0	0	0
Agência estrangeira	0	0	0	0
Sem assinatura	0	0	0	0
“Redação”	1	25	0	117
<b>Total</b>	<b>150</b>			

Anexo 41 - Tabela correspondente aos géneros jornalísticos dos artigos presentes no *site* do Jornal do Fundão nos meses de janeiro e fevereiro

## JORNAL<sup>do</sup>FUNDAO

Géneros/ Assinaturas	Entrevista	Notícia	Reportagem	Breve
Nome do(s) jornalista(s)	1	17	2	6
Nome do OCS	0	0	0	0
Lusa	0	0	0	0
Nome do jornalista(s) com Lusa	0	0	0	0
Com Outro OCS	0	0	0	0
Jornalista(s) do OCS “com Agência”	0	0	0	0
Agência estrangeira	0	0	0	0
Sem assinatura	0	2	1	1
<b>Total</b>	<b>30</b>			